



ECLÉTICA 2005

Publicação eventual do Departamento de História/FFLCH/USP



A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Responsável: Profa Dra. Raquel Glezer
Monitora PAE - Estágio de Preparação Pedagógica: Silene Ferreira Claro
Trabalho de curso da disciplina Teoria da História I
0401 - Noturno - 1º. Sem. 2005.

A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Raquel Glezer¹

Introdução

As experiências dos professores das disciplinas teórico-metodológicas em curso de História, bacharelato ou licenciatura, podem ser generalizadas, pois usualmente enfrentam incompreensões por parte do alunado e de colegas. Não importam as denominações: Introdução aos Estudos Históricos ou Metodologia da História; Filosofia da História; Teoria da História; História da Historiografia... Afinal, para que elas servem? O que fazem em um currículo sobrecarregado?

As outras disciplinas obrigatórias de um curso de História possuem conteúdo definido por espaços geográficos (América, Brasil, África, Ásia), ou recorte cronológico (História Antiga, História Medieval, História Moderna, História Contemporânea). O recorte cronológico ainda se impõe ao recorte geográfico, apesar dos questionamentos apresentados nos últimos trinta anos, a partir da obra de Chesneaux² sobre o uso ideológico da periodização. As disciplinas optativas se organizam por temas, processos explicativos, fontes ou campos historiográficos.

Diversamente, as disciplinas teórico-metodológicas deslocam-se em espaços e tempos variados, pois podem se articular por conceitos, teorias explicativas, formulações teóricas de processos históricos, análises historiográficas de autores, temas relevantes, questões significativas ou momentos marcantes... quase sempre fugindo ao recorte espacial e/ou ao cronológico.

Para os alunos, as disciplinas teórico-metodológicas se apresentam como um conjunto complexo. Têm dificuldade de reconhecer nelas o que conhecem como História, isto é, o campo de conhecimento que aprenderam a reconhecer como tal nos livros didáticos, manuais acadêmicos e livros dos historiadores. As discussões sobre o que são documentos, fatos históricos, fontes, memórias, monumentos, os questionamentos sobre os conceitos nos livros escritos pelos historiadores, ou os debates sobre os usos de cultura material, cultura imaterial, história oral, memória social, micro-história e macro-história, genealogia, memória local se apresentam como complicações do que aparenta ser simples e conhecido.

Qual a finalidade de uma disciplina como Teoria da História no processo de formação de um profissional da história? As reflexões que são propostas aos alunos têm qual finalidade? As respostas podem ser tão múltiplas como o campo: conhecer a História da História; perceber como o campo dos estudos históricos foi formado e quais as transformações que sofreu; aprender a reconhecer os conceitos e as teorias que embasam os trabalhos dos historiadores, identificar os pressupostos da seleção de temas, fatos e dos arranjos dos conteúdos. De forma sintética, reconhecer que o conteúdo da história que encontram nos livros é um produto cultural datado (linguagem, conceitos, preconceitos), da mesma maneira que os textos que produzem em seus trabalhos.

Para nós, professores nestas disciplinas, as questões teóricas devem fundamentar os trabalhos dos historiadores, quer os de pesquisa em campo, não importando o tipo de fonte explorada - arquivística, bibliográfica ou de história oral, quer os de análise historiográfica sobre as obras de historiadores, nas variadas formas que podem assumir.

¹ Profa. Titular Teoria da História e Metodologia da História/Departamento de História/FFLCH/USP; e-mail: raglezer@usp.br.

² Cf. Jean Chesneaux. *Du passé faisons table rase? : a propos de l'histoire et des historiens*. Paris: F. Maspero, 1976; trad. brasileira *Devemos fazer tabula rasa do passado? Sobre a história e os historiadores*. São Paulo: Ática, 1995.

Tais questões estavam em nosso horizonte de preocupação quando propusemos aos alunos matriculados na disciplina Teoria da História I – 0401 - Noturno, no primeiro semestre de 2005, cujo programa havia sido formulado com o objetivo de possibilitar uma visão panorâmica de algumas formas de reflexão sobre a história até o início do século XX, com aulas teóricas e leituras de textos de alguns autores clássicos, algo a mais: um trabalho empírico, levando em consideração as restrições e limitações aos alunos dos cursos noturnos: biblioteca em horário restrito; arquivos, centros de documentação e museus fechados, nos horários que os alunos poderiam dispor para alguma atividade extra classe.

Que material poderia ser utilizado, que estivesse acessível e cujas informações complementares pudessem ser localizadas por quem cumpre oito horas de trabalho diárias em cinco dias por semana? A nossa proposta foi a de explorar um material recente, visível e de fácil aquisição, que existe e se oferece nas bancas de jornal – as revistas de divulgação de história, em suas múltiplas apresentações e em seus variados níveis de formulação.

Temos a certeza que nem todas as publicações existentes foram exploradas, pois tal não era a intenção da proposta, que tinha como objetivo proporcionar aos alunos quase todas as etapas de um projeto de pesquisa, a partir da seleção de fonte e temas de interesse dos autores dos trabalhos, que foi respeitada, quer pela possibilidade de acesso³. Apesar da vasta rede de bancas de jornal existentes na área metropolitana, nem todas contém exatamente o mesmo conjunto de publicações, dependendo do local em que estão e da clientela a que atendem.

Em complementação

Depois dos trabalhos de pesquisa e redação realizados e entregues, na fase de preparação e edição digital para inserção no sítio (www.raquelglezer.pro.br), encontramos na rede algumas referências sobre o mesmo assunto, como a indicação do trabalho de Iniciação Científica na Faculdade Cásper Libero de Marcela Rosa Mastrocola, denominado “Aventuras na História: intermediários culturais, mercado editorial e cultura de consumo”⁴, em nota, sem data, acesso ao texto ou resumo. E o texto de Thathiana Murillo, datado de 05.12.2004, com o título de “*Páginas do passado: o boom das revistas de História*”, no qual a autora traça um histórico das revistas de história de divulgação em vários países e o início de tais periódicos do Brasil, a partir de 2003⁵.

Não consideramos a nossa pesquisa exaustiva e é possível que existam outros estudos sobre o mesmo tipo de material.

³ Os trabalhos, de modo previsível, concentraram-se nas revistas com maior facilidade de acesso: *Nossa História*, *História Viva*, *Aventuras da História*. Outras publicações foram também localizadas e selecionadas pelo interesse dos alunos. Ao menos uma publicação não foi explorada - a *Brasilis*, da editora Atlântica, do Rio de Janeiro, coordenada por Luis Felipe Baeta Neves. Ela era inicialmente vendida por assinatura, e só conhecemos os dois números iniciais. O sumário deles pode ser encontrado no sítio: <http://atlanticaeditora.com.br/>.

⁴ No sítio www.facasper.com.br/cip/iniciencia: “tema: Estudo sobre o fenômeno das revistas de história no contexto da hipermodernidade, com base na análise da publicação *Aventuras na História ...*”; e-mail: marcelamastrocola@gmail.com.

⁵ Thathiana Murillo. *Páginas do Passado: o boom das revistas de História*, datado de 12.05.2004, no sítio O cisco, <http://www.ocisco.net/thati10.htm>; e-mail thatianamurillo@uol.com.br.

1. Enfrentar os preconceitos

A seleção do material para ser pesquisado decorreu de sua facilidade de acesso, por um lado. Em nossos dias, a história está nas bancas de jornal, em formas variadas. Está nos jornais diários - que são uma das fontes para a história do tempo presente e para a história contemporânea; nas revistas semanais e/ou mensais de viés informativo ou analítico de variadas tendências políticas; nas coleções de obras clássicas para divulgação – como a coleção ‘Os Pensadores’ ou a coleção ‘Pensadores Brasileiros’. Seleccionamos uma materialidade específica - as revistas de temas históricos, voltadas para o público consumidor não-especializado.

A multiplicidade de periódicos e publicações de assuntos variados nas bancas de jornal é indicativo de alguns processos característicos da sociedade contemporânea pós-industrial: a ampliação do público leitor, decorrente dos processos de urbanização e alfabetização; a ampliação do acesso ao conhecimento; o atendimento pelas empresas editoras de todas as áreas de interesse do público leitor, em suas múltiplas identidades sociais⁶. Este foi o outro elemento fundamental para a escolha do objeto – a possibilidade de captar um fenômeno social ‘quente’, em sua concretização, na vivência do processo, que precisa ser analisado e compreendido. Em nossos dias, a diversificação da mídia impressa, em miríades de pequenas empresas gráficas – algumas das quais de vida curta, ao lado dos conglomerados de empresas gráficas e das de mídias, soma-se ao complexo jogo dos cruzamentos de todas as mídias – imprensa, cinema, televisão, eletrônicas, digitais...

Lembremos também que em nossos dias há associações entre empresas, para atingir determinados segmentos do público, com a criação de marcas novas, ocultando a empresa principal e dificultando o acompanhamento das questões mercadológicas.

Alunos de graduação estão acostumados com a leitura de textos selecionados por professores – capítulos de livros e/ou artigos publicados em periódicos acadêmicos, cujos padrões correspondem aos parâmetros da comunidade científica. Não há a preocupação com o perfil da publicação, pois a responsabilidade de seleção é do professor. A valoração realizada é pela especialidade do autor, respeitabilidade da revista, reconhecimento da instituição que a publica - todos elementos de identificação de comunidade científica e de reconhecimento entre pares.

As próprias revistas acadêmicas se transformaram, no decorrer do século XX, de recurso informativo e quase que exclusivamente erudito, em fontes reconhecidas para os trabalhos historiográficos, e hoje são objetos de pesquisa para análises de conteúdo, que variam conforme as orientações dos campos historiográficos.

Por outro lado, raramente o material de vanguarda do conhecimento, o da ‘literatura cinza’⁷ é utilizado, mantendo-se como exclusividade do circuito especializado e restrito dos pesquisadores.

No país, há crescente desenvolvimento do campo de pesquisa sobre a história do livro e da leitura⁸. As revistas de literatura, de educação e as semanais gerais têm recebido

⁶ Sobre as identidades sociais contemporâneas, ver Serge Moscovici. *Representações sociais*. Investigações em psicologia social. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

⁷ Literatura não convencional, conhecida por ‘literatura cinza’ (teses, folhetos, anais, proceedings, relatórios de pesquisas, notas técnicas, indicadores de ciência e tecnologia, preprints, publicações seriadas e trabalhos não publicados). Cf. <http://www.ige.unicamp.br/site>.

⁸ Ver: a) sitio: www.livroehistoriaeditorial.pro.br/, do I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, realizado entre 8 e 11 de novembro de 2004, na Casa de Rui Barbosa, na cidade do Rio de

atenção sistemática desde a década de setenta do século XX, vasto material que pode ser encontrado nas bibliotecas. Contudo, são escassos os estudos analíticos sobre as revistas de história no país, com exceção dos estudos sobre o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que utilizam o seu periódico, o mais antigo do país, datado de 1838, mais como fonte sobre a instituição do que como objeto de análise⁹.

A proposta de analisar as publicações encontradas em bancas de jornal foi, por alguns alunos, questionada pelo fato de não ser este um material ‘respeitável’. A desqualificação é devida ao fato de revistas comerciais não terem a mesma estrutura formal dos periódicos acadêmicos, principalmente a revisão por pares. E que os artigos não poderiam ter conteúdo acadêmico e ser resultado de trabalho de pesquisa de historiadores. A maior crítica foi que as revistas comerciais tinham como alvo um público genérico e não-especializado. Afinal, trabalhar com ‘material de divulgação ou vulgarização’ não era um trabalho adequado aos historiadores em formação¹⁰.

No decorrer da pesquisa, mesmo os alunos mais renitentes acabaram mudando de opinião, pois conseguiram verificar que entre as revistas para o grande público existem níveis diferenciados de informação, apresentação de resultados de pesquisa, debates sobre questões de momento e um trabalho de apresentação ao público de textos escritos por historiadores. O conteúdo apresentado depende do público visado pela revista.

2. A popularização da cultura

O fenômeno do público consumidor de produto cultural oferecido em bancas de jornal no Brasil data dos anos sessenta do século XX, quando a Editora Abril¹¹ lançou edições de obras em fascículos, mas continuou mantendo-se basicamente como uma editora de histórias em quadrinhos infantis e juvenis, e, de publicações românticas destinadas a adolescentes e mulheres jovens, vendidas em bancas. Na área específica da História, a primeira foi a coleção ‘Grandes Personagens da Nossa História’ - biografias de personagens da História do Brasil, em fascículos, com textos escritos por professores de história. E depois, nos anos da ditadura militar, lançou a coleção ‘Os pensadores’-volumes encadernados de obras de autores clássicos da cultura ocidental, que muitas

Janeiro; b) sitio da Intercom: www.intercom.org.br/, especificamente para os textos resultantes de pesquisa apresentados nos eventos da área: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br>.

⁹ Ver, entre outros: Isa Adonias. *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - 150 anos*. Rio de Janeiro: Studío HMF, 1990; Virgílio Correia Filho. Como se fundou o Instituto Histórico. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, 255, 1962; Max Fleiüss. *O Instituto Histórico através de sua Revista*. Rio de Janeiro: IHGB, 1938; Lúcia Maria Paschoal Guimarães. "Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial": o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 156, 388, 1995; Manoel Luís Salgado Guimarães. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/Vértice, no. 1, 1988, pp. 5-27;-----De Paris ao Rio de Janeiro: a institucionalização da escrita da História. *Acervo - Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, volume 4, no. 1, 1989, pp. 135-144; Lília Moritz Schwarcz. "Os guardiões da nossa história oficial". Os institutos históricos e geográficos brasileiros. São Paulo: IDESP, 1989; ----- . *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; Arno Wehling. As origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 338, 1983, pp. 7-16;----- .Historicisimo e concepção de História nas origens do IHGB. In: ----- (org.) *Origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: idéias filosóficas, sociais e estruturas de poder no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: IHGB, 1989, pp. 43-58.

¹⁰ Apesar dos questionamentos, uma grande parte dos alunos possuía alguns exemplares das revistas de divulgação nacionais e recorreram ao seu próprio material; outros, de forma surpreendente, possuíam exemplares de revistas editadas em outros países, o que aparece em seus trabalhos.

¹¹ No sítio da Editora Abril está a história da empresa, ver <http://www.abril.com.br/br/conhecendo/>.

vezes estavam recebendo a primeira edição no país, com tradução por professores especialistas no autor ou no assunto, quebrando o preconceito existente contra a compra de livros em bancas de jornal. A série de sucessos editoriais foi interrompida com uma coleção de história do Brasil, a ‘Saga’, que não foi completada. Embora a Editora Abril se apresente como a pioneira na edição de obras de divulgação para o grande público consumidor, apenas atualizou uma forma de divulgação que já existia, a da edição de obras clássicas ou informativas em tiragens maiores que as usuais. Antes dela, existiram outras iniciativas de divulgação e popularização da cultura no país, que ainda não foram devidamente estudadas.

A coleção ‘Tesouro da Juventude’¹², marco na vida de milhares de jovens leitores, foi difundida por vendedores em muitas das cidades do país, independente de seu tamanho e da existência de livrarias. O mesmo ocorreu com as coleções de obras de história como Cesare Cantú¹³, H. G. Wells¹⁴ e Will Durant¹⁵.

A Editora Ediouro¹⁶ tinha e ainda tem forte atuação na área da divulgação de autores clássicos, mas seus livros, em pequeno formato e em papel jornal, só podiam ser encontrados em livrarias. Além das citadas, existiram outras coleções de obras literárias destinadas a um público consumidor maior que o tradicional consumidor em livraria: a coleção ‘capa amarela’ de grande formato da Editora Globo de Porto Alegre – hoje Globo Livros¹⁷, com traduções de obras clássicas e contemporâneas, por intelectuais de renome, e, a coleção Saraiva, da editora do mesmo nome¹⁸, com volumes de pequeno formato, em papel jornal, que era vendida porta a porta para as famílias interessadas. A Editora Agir¹⁹ também teve uma coleção de clássicos em pequeno formato e em antologia, ‘Nossos Clássicos’.

A estrutura de venda porta a porta que foi desenvolvida na primeira metade do século XX continua ainda em nossos dias, com enciclopédias escolares e coleções de obras informativas em geral.

¹² Esta obra teve diversas edições, pela W. M. Jackson Editores, dos anos vinte até os anos cinquenta.

¹³ Cesare Cantú. *História universal*. Obra de tanto sucesso que recebeu várias edições, entre outras: a) Rio de Janeiro: Fluminense, 1883; b) Rio de Janeiro: Livraria João do Rio, 1931; c) São Paulo: Américas, 1946. 32 v.; d) São Paulo: Edameris, 1970, ed. resumida.

¹⁴ H. G. Wells. *História universal: da ascensão e queda do império romano até o renascimento da civilização ocidental*. São Paulo: Nacional, 1939. 3 v.

¹⁵ Will Durant. *História da civilização*. São Paulo: Ed. Nacional, 1943. 18 v. A obra teve edições em 1956 e 1967, e em outras editoras. O autor continua sendo editado no país, podendo suas obras ainda serem encontradas em livrarias. Dados sobre sua vasta produção podem ser encontrados no sítio da **Will Durant Foundation**, <http://www.willdurant.com/home.html>

¹⁶ Ver em *Wikipédia, a enciclopédia livre*, sítio: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ediouro>.

¹⁷ Cf. <http://globolivros.globo.com/>; a Rio Gráfica Editora adquiriu em 1986 a Editora Globo. A história sintética da Editora Globo pode ser lida na *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Sítio: http://pt.wikipedia.org/wiki/Editora_Globo. Sobre a editora há a indicação do livro de Elisabeth Wenhausen Rochadel Torresini, *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: EDUSP, s.d., na Coleção Memória Editorial.

¹⁸ Ver sítio: <http://sf.editorasaraiva.com.br/port/perfil/historico>; cf. dados da empresa, em 1946 foi lançada a Coleção Saraiva, dirigida por Mário da Silva Brito e Cassiano Nunes, que incluía autores nacionais e internacionais como Machado de Assis, José de Alencar, Menotti del Picchia, Orígenes Lessa, Henry James, Edgar Allan Poe, Herman Melville, ilustrada por artistas de renome, como Aldemir Martins, Darcy Penteadado, Nico Rosso, com traduções de Otávio Mendes Cajado, Décio Pignatari, Nair Lacerda e José Geraldo Vieira. A forma de comercialização era por assinatura, feita por vendedores, com entrega do exemplar publicado mensalmente; vendeu milhares de volumes, pois editou 287 títulos, alguns dos quais com tiragem de até 50.000 exemplares.

¹⁹ Ver histórico da empresa no sítio: <http://www.editoraagir.com.br/historico>; cf. dados, foi adquirida pela Ediouro, em 2002.

Da metade para o final do século XX, as bancas de jornal se tornaram o lugar de exposição da mais ampla variedade de publicações, de todos os assuntos possíveis e imagináveis, para todos os tipos de leitores.

3. O contexto

Há uma explicação corrente para o alto preço dos livros editados no Brasil: a falta de público leitor, pois existem poucas livrarias pelo país e, portanto, poucos leitores. Contudo, as vendas de ‘best-sellers’ desmentem tais afirmações: milhares de livros são vendidos em curto espaço de tempo. Se existissem tão poucos leitores no país, como afirmam as editoras de livros para venda em livrarias, as editoras que lançam seus produtos culturais em bancas de jornal não teriam crescido e multiplicado.

O crescimento das editoras especializadas em publicações para bancas de jornal deve ser relacionado com outros dados: aumento da população, predominância da urbanização, crescimento da escolaridade, aumento da renda familiar, capilaridade dos meios de divulgação de massa pelo país e interligação entre as diversas ‘mídias’.

Dos fenômenos citados, o aumento populacional se destaca: em 1950, a população do país era de 51.949.397, e, em 2000, de 169.799.170 de habitantes²⁰. No mesmo período, a população urbana passou de crescente a dominante, decorrência de fatos distanciados no tempo, mas que explicam alguns aspectos do fenômeno: em 1938, todas as sedes de município passaram a ter o título de cidade, não importando a população; nos anos cinquenta a industrialização por substituição de importações e de bens de capital deslocou uma grande parcela da população de áreas rurais para algumas áreas urbanas; e, em 1988, a Constituição passou a permitir maior facilidade para a divisão de municípios e ampliou os repasses do governo federal para os entes municipais, o que possibilitou a expansão numérica deles. Em cada município, mesmo que não exista biblioteca pública ou livraria, obrigatoriamente deve existir escola fundamental básica, e, pode existir uma banca de jornal, mesmo que seja a única na estação rodoviária.

O processo de modernização econômica do país a partir de meados do século XX possibilitou a melhoria da infra-estrutura em transportes e comunicação; a ampliação do processo de escolarização com o objetivo da universalização do ensino fundamental e posteriormente do ensino médio; o emprego em setores que previamente não existiam; o crescimento da massa salarial; o crescimento do mercado educacional para atender a demanda de mão-de-obra mais especializada; o desenvolvimento de redes de comunicação via mídia eletrônica pelo país, que criaram um mercado nacional para determinados produtos, inclusive para os da indústria cultural.

A existência de milhares de aparelhos de televisão pelo país substituiu em grande parte a imprensa escrita como fonte de informação, por um lado, e, por outro, criou um outro mercado produtor e consumidor com a possibilidade de inter cruzamento de mídias. Os produtos culturais da televisão promovem a venda de publicações escritas – sobre ela mesma, os programas, os participantes de suas produções (autores, diretores, atores e outros especialistas). Também algumas produções televisivas, como telenovelas e minisséries promovem publicações escritas – os livros originais, as adaptações, e depois os vídeos, os cds e os DVDs. O lançamento de filmes, nacionais ou estrangeiros, com chamadas em televisão, e com eventual apresentação posterior em horários especiais, também alavanca publicações destinadas ao grande público, informando sobre a obra, roteiro, diretor, atores e outros especialistas. Os temas épicos ou históricos, quando explorados pelas mídias cinematográficas e televisivas, envolvem altos custos de

²⁰ Conforme dados do IBGE, no sítio: www.ibge.gov.br/, em Síntese dos censos demográficos.

produção, que são parcialmente recuperados ou ampliados pelos produtos em paralelo: publicações impressas, vídeos, cds e DVDs, além de outros produtos destinados ao público infantil e/ou juvenil, da mesma forma que os filmes de entretenimento.

Se há momentos em que a sociedade ocidental parece esquecer da existência da história, apesar de estar imersa nela, em outros há preocupação com ela. Geralmente, em datas comemorativas de fatos históricos relevantes há a ressurgência do interesse pela história, quer como processo, quer como narrativa. Em determinados momentos, a sociedade como um todo se sente atraída por fatos históricos – em livros com temas históricos, biográficos ou pseudo-históricos; em filmes biográficos, épicos, históricos ou míticos; em docu-dramas históricos ou documentários sobre fatos históricos, reconstituídos com material de época. Não é possível identificar claramente se tal interesse é uma válvula de escape – fuga/refúgio para um tempo mítico de paz e segurança, ou, genuíno, para compreender a sociedade e o momento em que vive. Em nossos dias, no início do século XXI, há retomada da curiosidade por fatos históricos, que aparece tanto nas produções impressas, como nas cinematográficas e nas televisivas. Os motivos que provocam tal interesse podem ser variados: insegurança diante das transformações em curso; dificuldades de compreender a fase histórica em que vive; medo diante do desconhecido; necessidade de reafirmar o conhecido diante de outras propostas de organização social e tantas outras questões possíveis de serem arroladas.

Quanto as motivações que levaram ao lançamento das revistas de divulgação de história no país, Thatiana Murillo utiliza a referência das comemorações dos quinhentos anos do descobrimento como o motivo para o lançamento de tais publicações²¹. A nosso ver, tal explicação não se aplica totalmente – teria pleno sentido se estas tivessem começado a ocorrer no mesmo ano ou no seqüente, o que não ocorreu, pois datam de 2003 em diante. As explicações podem ser procuradas tanto no contexto nacional – a consolidação do processo de urbanização, universalização da educação básica e suas conseqüentes transformações, como no maior acesso a informações internacionais, na divulgação em tempo real pela televisão dos fatos de setembro de 2001, na retomada do ciclo de guerras simultâneas, na sensação de ameaça diante do desconhecido que pode estar se aproximando – elementos que podem ter contribuído para que se concretizasse no país algo de novo, as revistas de divulgação de história. Devemos lembrar que tal tipo de publicação existe em outros países há muitos anos, desde o começo do século XX, mantendo continuidade e possibilitando a divulgação do conhecimento historiográfico a um grande número de pessoas, o que pode ter permitido o crescimento do mercado editorial dos livros especializados em história e das grandes coleções do final do século XX²².

²¹ Ver nota 3.

²² Além da venda de milhares de exemplares de algumas obras de história como *Le Dimanche de Bouvines: 27 juillet 1214*, de Georges Duby. Paris: Gallimard, 1986, e, *Montaillo, village occitan de 1294 a 1324*, de Emmanuel Le Roy Ladurie. Paris : Gallimard, 1975, pensamos nas coleções como História das Mulheres e História da Vida Privada, que foram sucesso editorial destacado, foram traduzidas no Brasil e inspiraram coleções similares nacionais.

4. Cultura de massa

È muito interessante para o historiador verificar como a conceituação de ‘cultura de massa’ tem sido vista pela sociedade, principalmente em uma proposta como a que fizemos, de explorar uma fonte da cultura de massa impressa, destinada a um público leitor não especializado.

A conceituação da existência de uma ‘cultura de massa’ ou ‘cultura popular’ se opõe a de uma ‘cultura erudita’, mais valorizada porque de ‘melhor qualidade’, mais restrita e limitada aos que a ela têm acesso, por poder aquisitivo e domínio cultural.

A ‘cultura erudita’ é resultante da decantação da produção cultural da sociedade ocidental cristã e é o cânone dos valores culturais - a ‘alta cultura’ é o conhecimento e apreciação dos clássicos na literatura, música, balé, teatro, pintura e escultura, em oposição a uma outra cultura, considerada inferior por não ter o mesmo conteúdo e relevância, produzida e vivenciada no cotidiano pelas pessoas comuns, ‘a cultura popular’, que é muitas vezes confundida com ‘folclore’, em uma concepção conservadora e nacionalista estreita.

Tomada em senso estrito, a concepção canônica de cultura faz com que toda a produção cultural do mundo moderno industrial do século XIX e do pós-industrial do século XX, todos os questionamentos, críticas, leituras e releituras da sociedade contemporânea fiquem fora dos parâmetros estabelecidos.

Mas a produção cultural possui a sua própria dinâmica, riqueza e complexidade, e é indicativa da reflexão e crítica do mundo no qual o indivíduo produtor/consumidor está inserido e vive. Para os artistas contemporâneos, o cânone não é um obstáculo. Na realidade diária da sociedade pós-industrial, todas as artes se libertaram do cânone. A multiplicidade das formas de expressão literária e artística é quase impossível de ser totalmente conhecida em nossos dias. O rádio, o cinema e a televisão se inscreveram no campo da produção e da reprodução cultural, da mesma forma que a imprensa. E o mundo da produção digital está seguindo a mesma trajetória, de modo mais acelerado.

Contudo, a resistência às novas formas de arte e conhecimento ainda é grande. No campo dos estudos humanísticos, o domínio do cânone se manteve por mais tempo. E só no último quartel do século XX ele passou a ser questionado por grupos feministas, étnicos, de culturas minoritárias e pelos pesquisadores pós-modernos, que exigem que a noção de cultura seja mais inclusiva e menos restritiva.

A valorização da oposição entre a ‘cultura erudita’ e a ‘cultura popular’ pode ser entendida como uma atitude socialmente conservadora, a partir da Revolução Francesa, em que o conceito de ‘povo’ para os conservadores e contra-revolucionários era o de uma ‘ameaça’ a seu modo de vida. A preservação dos valores da sociedade estamental encontrou na valorização do cânone apoio e a justificativa de uma concepção de sociedade, a partir de meados do século XIX, quando ‘povo’ e ‘massa’ se tornaram quase que sinônimos de ameaça social.

Nos movimentos revolucionários políticos e sociais dos séculos XIX e XX, uma das propostas mais atraente é a da democratização de acesso de todas as pessoas a todos os bens, políticos e econômicos, a partir da alfabetização universal, e, principalmente aos bens culturais.

A idéia de separação rígida entre a chamada ‘alta cultura’ e a ‘cultura popular’ foi questionada por Bahktin²³ ainda na primeira metade do século XX, e, o tema da circularidade das idéias entre grupos sociais, no final do século XX, encontrou apoio em historiadores da história cultural, como Roger Chartier e C. Guinzburg, entre outros, e, principalmente nos autores pós-modernos.

Os resultados

Os resultados obtidos foram surpreendentes, para nós e para os alunos. Para nós, pela localização de inúmeras publicações destinadas a suprir a curiosidade do público sobre temas históricos – em níveis de informação diferenciados, desde as mais elementares até as que apresentam resultados de pesquisas acadêmicas, em linguagem acessível ao não-especialista. Nosso ponto de partida para a proposta do trabalho havia sido o conhecimento das revistas *Nossa História* e *História Viva*. Os alunos conheciam algumas outras e localizaram outras tantas, que não eram tão conhecidas, e que aparecem nos textos que seguem. E também pela capacidade demonstrada pelos alunos de pesquisar informações, mesmo as que exigiram contato direto com as editoras e com os editores; analisar conteúdos sob aspectos variados, demonstrando que o processo de formação fragmentada, proposto pelo Departamento de História, apesar da dificuldade de explicitação, está proporcionando ao corpo discente uma formação adequada ao mundo contemporâneo.

Para os alunos, podemos comentar de um lado que com a aprendizagem da prática de pesquisa - seleção de tema, seleção de fontes, coleta de dados, análise de conteúdo, contextualização e redação de um texto sobre a pesquisa e os resultados obtidos, houve a possibilidade de aprender como usar material diferenciado do tradicional (textos de livros e excertos de documentos), experiência que pode ser transmitida a práticas de ensino de história em outros níveis. Por outro lado, esperamos que os mais renitentes tenham aprendido a aceitar a produção cultural da sociedade em que vivem. Consideramos que se há experiência e vivência da postura crítica em relação à formação socioeconômica e cultural em que estão inseridos, a manutenção de preconceitos sobre a ‘cultura de massa’ e a exigência do cânone cultural são elementos contraditórios que precisam ser enfrentados. E o que a nosso ver foi o mais importante: tiveram eles a experiência da apreensão ‘a quente’ de dois conceitos teóricos que marcam a sociedade atual – a da circularidade das idéias na cultura, e, a da fragmentação das identidades sociais. Lembramos ainda que nas análises de conteúdo foram localizadas algumas das teorias de história, que haviam sido apresentadas e discutidas no transcurso das aulas teóricas e das leituras, demonstrando na prática a longa vigência de idéias na cultura e na sociedade.

Os textos que seguem a esta apresentação são todos os trabalhos de curso da disciplina, resultantes das pesquisas e análises dos alunos. Alguns são trabalhos individuais, outros coletivos. Cada um deles representa a trajetória de pesquisa que foi percorrida, os interesses, curiosidades e idiosincrasias dos autores. Não foi realizada a normalização

²³ BAHKTIN, M.. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: HUCITEC; Brasília:UnB, 1987.

dos textos e nem estão apresentados os comentários da avaliação. A finalidade da publicação é reconhecer os esforços empregados na pesquisa, o empenho e interesse demonstrado, além de colaborar com outras pessoas que tenham alguma curiosidade sobre o material de divulgação de história impresso disponível em bancas de jornal.

Agradeço a Silene Ferreira Claro, doutoranda no Programa de História Social/FFLCH/USP, linha de pesquisa História da Cultura, monitora da classe no PAE/FFLCH/USP primeira fase, o apoio, as sugestões e a relação estabelecida com a classe, que muito contribuíram para o bom desenvolvimento do curso e das atividades. E a todos os alunos que cursaram a disciplina e que no decorrer do semestre selecionaram o material com que pretendiam trabalhar, defenderam suas escolhas, descreveram as dificuldades encontradas, apresentaram as soluções e os resultados obtidos. Eles se encontraram com o que os pesquisadores em história costumam enfrentar: problemas de acesso a fontes e as informações, impossibilidade de usar o material inicialmente previsto, desconforto com os resultados obtidos, questões que não puderam ser respondidas, e tudo o mais que acontece depois do trabalho escrito e entregue.

Espero que a experiência tenha sido tão proveitosa para eles como foi para nós e que a noção de que estamos imersos na história – mesmo explorando um tema restrito e aparentemente limitado, tenha se tornado mais clara e compreensível. E que a função da disciplina Teoria da História no processo de formação tenha adquirido sentido.
São Paulo, segundo semestre de 2005.

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

DISCIPLINA: FLH 401 – TEORIA DA HISTÓRIA I
RESPONSÁVEL: PROF.^a DR.^a RAQUEL GLEZER

PERÍODO: NOTURNO

TRABALHO

DESVENDANDO A “DESVENDANDO”.

*Análise do mercado de revistas com temática histórica e da
revista “Desvendando a História”.*

ALUNOS:

BEATRIZ RODRIGUES DE SOUZA
N.º USP 3771455

GILSON BRANDÃO DE OLIVEIRA JÚNIOR
N.º USP 3718361

IRACI OLIVEIRA RODRIGUES
N.º USP 4930700

PAULO HENRIQUE SELBMANN SAMPAIO
N.º USP: 1394670

VANESSA PAOLA ROJAS FERNANDEZ
N.º USP: 4877614

24/06/2005

ÍNDICE

1. PROPOSTA DA PESQUISA.....	3
2. INTRODUÇÃO	3
3. ANÁLISE DA REVISTA “DESVENDANDO A HISTÓRIA”	10
4. FICHAMENTO DOS EXEMPLARES	11
4.1. SEÇÃO “POR DENTRO”	11
4.2. SEÇÃO “ACONTECEU EM”	13
4.3. SEÇÃO “DESVENDE”	14
4.4. SEÇÃO “ESTUDO DO MEIO”	16
4.5. SEÇÃO “PASSADO E PRESENTE”	17
4.6. SEÇÃO “HISTÓRIA & ARTE”	18
4.7. SEÇÃO “IMPrensa & HISTÓRIA”	19
4.8. SEÇÃO “HISTÓRIA ILUSTRADA”	20
4.9. SEÇÃO “CLÁSSICOS DA HISTÓRIA”	22
4.10. SEÇÃO “OUTRAS PERSONAGENS”	23
4.11. SEÇÃO “EU ME LEMBRO”	25
4.12. SEÇÃO “OFÍCIO DO HISTORIADOR”	27
4.13. SEÇÃO “NOVIDADES”	28
4.14. SEÇÃO “HISTÓRIA NA SALA DE AULA”	29
4.15. ARTIGOS DA EDIÇÃO Nº 1	30
4.16. ARTIGOS DA EDIÇÃO Nº 2	32
4.17. ARTIGOS DA EDIÇÃO Nº 3	37
4.18. ARTIGOS DA EDIÇÃO Nº 4	38
5. CONCLUSÃO	40
6. REFERÊNCIAS	40

1. PROPOSTA DA PESQUISA

Movidos pela proposta de pesquisa sobre a divulgação do conhecimento histórico por meio de publicações de grande circulação, tais como revistas e coleções, desenvolvemos o presente trabalho que parte de uma análise global do mercado de revistas com temática histórica para a análise particular de uma destas publicações, a revista “Desvendando a História”, da editora Escala Educacional, cuja seleção foi fomentada por tratar-se de um dos títulos mais recentes neste nicho em franco desenvolvimento e seu ainda curto período de circulação, garantiu uma análise de todos os quatro exemplares existentes, editados entre agosto de 2004 e abril de 2005.

2. INTRODUÇÃO

A partir do segundo semestre do ano de 2003, verificou-se no Brasil a publicação de um número crescente de revistas sobre História voltadas para o grande público. Embora seja um fenômeno novo entre nós, publicações desta natureza circulam já há várias décadas em outros países.

A mais tradicional revista deste segmento intitula-se “Historia” e é publicada mensalmente na França pela Le Point Communication, sediada em Paris. A revista francesa nasceu em dezembro de 1909 e chega aos nossos dias com uma tiragem de 140.000 exemplares, uma difusão de 100.023 exemplares e um público estimado em 1.180.000 leitores, segundo dados fornecidos pela editora em sua página na Internet.

Na Espanha, a revista “Historia y Vida” foi lançada em 1968 e é publicada mensalmente pela Mundo Revistas, empresa do grupo Godó, sediada em Barcelona e declara uma difusão de 52.373 exemplares.

No Brasil, a publicação de revistas sobre História é um fenômeno muito recente, embora possua um antecedente importante: as grandes coleções da editora Abril vendidas nas bancas de jornal em fascículos semanais.

Em 1973, a editora lançou os fascículos da coleção “Grandes Personagens da Nossa História”, cuja coordenação geral foi confiada a Sérgio Buarque de Holanda. A coleção reuniu em seus quatro volumes biografias de uma série de personalidades, pinçadas desde o período colonial e cujo exemplo, nas palavras do editor Victor Civita, desejava-se “projetar no futuro das gerações, como lição e incentivo”. Além dos quatro volumes contendo as biografias dos heróis da nação, a coleção incluía um volume contendo uma série de mapas históricos.

Ricamente ilustrada e elaborada com rigor, esta coleção possuía um caráter enciclopédico e destinava-se às solenes estantes de livros e aos trabalhos escolares.

Sete anos depois, a mesma editora lançou uma nova coleção em fascículos. Seu alvo era “a história viva” e destinava-se a “todos que sabem que o passado é uma importante lição, que a história é a mestra da vida e que a síntese torna

menos árdua a tarefa de aprendê-la”. “Nosso Século”, como o próprio nome já dizia, recortava brevemente o final do século XIX e avançava pelo século XX, até os estertores do regime militar. Sob a supervisão geral de Alexandre Eulálio Pimenta da Cunha e consultoria de Paulo Sérgio Pinheiro e Sérgio Buarque de Holanda, a coleção apresentava ao grande público uma perspectiva diferente do que se havia visto até então, contando “de forma inédita e fascinante a história de todo um povo: política, economia, cultura, vida cotidiana, evolução social, hábitos e costumes”. Era “o Brasil no século XX, de corpo inteiro”.

Enquanto comprava os fascículos semanais, para completar os quatro volumes de “Nosso Século”, o colecionador ia recebendo edições fac-similares de jornais de época, das diferentes datas comemorativas do Brasil, a partir do final do século XIX, enquanto que a terceira e quarta capas comporiam ao final uma coletânea de anúncios publicitários do período.

Fazia também parte da coleção um disco contendo documentos sonoros, que incluíam desde a primeira gravação de Patápio Silva, passando pela propaganda radiofônica das “pílulas de vida do Dr. Voronoff” e até fragmentos de discursos de políticos, como Getúlio Vargas.

Mas novamente, predominava o formato enciclopédico: “Nosso Século” era ainda uma obra de referência.

Foram necessários mais 23 anos para o surgimento da primeira revista brasileira voltada para o grande público e dedicada exclusivamente à História.

Ela surgiu como um desdobramento da principal revista do segmento que a Associação Nacional dos Editores de Revistas (ANER) denomina “área de conhecimento”, englobando todas as ciências biológicas, exatas e humanas.

Lançada em 1987, “Superinteressante” é fruto de uma parceria estabelecida pela Abril com a editora alemã Gruhner und Jahr e contém matérias sobre diferentes áreas do conhecimento humano.

Considerado o período de janeiro e dezembro de 2003, segundo dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC), divulgados pela ANER, “Superinteressante” detém a terceira maior circulação mensal do Brasil, com 401.347 exemplares. Acima dela estão “Nova Escola”, da própria Abril, em segundo lugar com 403.482 exemplares e a líder, “Seleções do Reader’s Digest”, com uma circulação média de 502.638 exemplares.

Segundo Adriano Silva, diretor de redação da “Superintessante”, em entrevista concedida a “Em Revista”, periódico da ANER, foi a partir de pedidos constantes dos seus leitores, que solicitavam um maior número de páginas destinadas à História, que a empresa constatou a existência de uma demanda por uma publicação específica, lançando a revista “Aventuras na História”, em setembro de 2003.

E logo, já em novembro de 2003, outras editoras lançaram-se na empreitada histórica: a editora Duetto, associada aos franceses da Le Point

Communication, introduziu seu título, “História Viva”, enquanto que numa parceria com a Biblioteca Nacional, a editora Vera Cruz lançou “Nossa História”.

Após quase dois anos de circulação das três primeiras revistas dedicadas exclusivamente à História, tivemos em abril de 2005, segundo dados fornecidos pela ANER, uma média de circulação de 41.884 exemplares para a revista “História Viva”, 40.442 exemplares para “Aventuras na História” e 37.493 exemplares para a revista “Nossa História”. A média informada para “Superinteressante” foi de 375.745 exemplares.

Mas quem são esses leitores?

Numa edição especial intitulada “Revistas em Números”, com base no Censo 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e estimativas, a ANER estabeleceu que o número de leitores de revistas representa 14% da população brasileira. Considerando o número de 179.113.540 habitantes em 2004, o universo brasileiro de leitores de revistas é de aproximadamente 25.075.896 pessoas.

Esta edição especial da ANER apresenta dados dos “XLV Estudos Consolidados” da empresa Marplan, identificando o perfil dos consumidores de revistas por classe econômica. Segundo este estudo, feito em 2003, a classe A engloba 14% deste público consumidor, enquanto 36% pertencem à classe B, 33% à classe C, 15% à classe D e apenas 2% são enquadrados na classe E.

Segundo a Associação Nacional de Empresas de Pesquisa (ANEP), esta classificação baseia-se num sistema de pontos, calculado pela posse de bens e pela instrução do chefe da família. O sistema foi batizado de Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB), e atribui a seguinte pontuação aos bens e à instrução:

SISTEMA DE PONTOS

Posse de itens

	NÃO TEM	TEM			
		1	2	3	4 OU +
Televisão em cores	0	2	3	4	5
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	2	3	4	4
Automóvel	0	2	4	5	5
Empregada mensalista	0	2	4	4	4
Aspirador de pó	0	1	1	1	1
Máquina de lavar	0	1	1	1	1
Videocassete e/ou DVD	0	2	2	2	2
Geladeira	0	2	2	2	2
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)	0	1	1	1	1

SISTEMA DE PONTOS
Grau de Instrução do chefe de família

Analfabeto / Primário incompleto	0
Primário completo / Ginásial incompleto	1
Ginásial completo / Colegial incompleto	2
Colegial completo / Superior incompleto	3
Superior completo	5

A partir da somatória, são definidos os seguintes cortes:

CORTES DO CRITÉRIO BRASIL

CLASSE	PONTOS	TOTAL BRASIL (%)
A1	30 - 34	1
A2	25 - 29	5
B1	21 - 24	9
B2	17 - 20	14
C	11 - 16	36
D	6 - 10	31
E	0 - 5	4

Isto corresponde, segundo dados da ANEP, às seguintes rendas familiares por classes:

CLASSE	PONTOS	RENDA MÉDIA FAMILIAR (R\$)
A1	30 - 34	7.793
A2	25 - 29	4.648
B1	21 - 24	2.804
B2	17 - 20	1.669
C	11 - 16	927
D	6 - 10	424
E	0 - 5	207

Com base nestes dados, vemos que 50% das pessoas do universo total estimado de consumidores de revistas possuem uma renda familiar média igual ou superior a R\$1.669,00.

Das três editoras de revistas exclusivamente históricas consideradas até o momento, apenas a Abril divulga o perfil de seus leitores e a circulação de suas revistas na página da Internet voltada para seus anunciantes.

Porém, considerada a similaridade dos números médios das três publicações históricas em pauta e a participação de mercado da Abril, que foi de 48% em

exemplares de revistas no ano de 2003, segundo dados da ANER, aparentemente temos números significativos.

Para “Superinteressante”, a Abril apresenta os seguintes dados:

Perfil do Leitor		
Idade	Sexo	Classe Social
59% têm entre 18 e 39 anos	homens: 57% mulheres: 43%	Classe A: 30% Classe B: 50% Classe C: 17%
Fonte: XLVI Estudos Marplan – 2004 - Consolidado 2004 - 9 mercados		

Circulação		
Tiragem: 458.000 exemplares		
Circulação líquida: 382.000 exemplares		
Assinaturas	Avulsas	Exterior
261.000	121.000	23
Circulação por regiões: Centro-oeste 8%, Nordeste 17%, Norte 5%, Sudeste 49% e Sul 21%		
Fonte: IVC - fev/05		

Comparativamente, para “Aventuras na História” temos:

Perfil do Leitor		
Idade	Sexo	Classe Social
47% têm entre 15 e 34 anos	homens: 42% mulheres: 58%	Classe A: 18% Classe B: 50% Classe C: 21%
Fonte: XLVI Estudos Marplan – 2004 - Consolidado 2004 - 9 mercados		

Circulação		
Tiragem: 82.000 exemplares		
Circulação líquida: 51.000 exemplares		
Assinaturas	Avulsas	Exterior
31.000	20.000	-
Circulação por regiões: Centro-oeste 8%, Nordeste 20%, Norte 6%, Sudeste 47% e Sul 19%		
Fonte: IVC - fev/05		

É bastante interessante verificar as diferenças que existem nos perfis dos leitores destas duas revistas inter-relacionadas:

- A faixa etária da maioria dos leitores de “Aventuras na História” é menor.
- Há um maior número de leitoras do sexo feminino no público de “Aventuras na História”.
- Há um desvio no número de leitores de “Aventuras na História” para as classes de menor poder aquisitivo.

- Embora a maior concentração de leitores esteja nas regiões Sudeste e Sul, há um incremento do número de leitores de “Aventuras na História” na região Nordeste.

A editora Vera Cruz forneceu dados sobre o perfil do público de “Nossa História”, resultado de pesquisa encomendada ao Instituto Qualibest e referente ao período de maio a junho de 2004.

Os leitores do sexo masculino representam 64% do público.

A escolaridade está distribuída da seguinte maneira: ensino médio 19%, ensino superior 47%, mestrado e doutorado 35%.

Com relação à renda, 18% dos leitores possuem renda até R\$1.000,00; 41% entre R\$1.001,00 e R\$3.000,00; 20% tem rendimentos entre R\$3.001,00 e R\$5.000,00 e outros 20% aparecem com renda superior a R\$5.000,00.

A maior parte dos leitores, num percentual de 66%, está na faixa etária dos 21 aos 40 anos.

Segundo a editora Duetto, 73% dos leitores de “História Viva” são do sexo masculino. Na distribuição dos leitores por classe, temos que 26% pertencem à classe A, 48% são da classe B e 19% enquadram-se na classe C.

Quanto à faixa etária, os leitores de “História Viva” distribuem-se de acordo com a seguinte tabela:

FAIXA ETÁRIA	PERCENTUAL DE PARTICIPAÇÃO
até 19 anos	8%
entre 20 e 24 anos	12%
entre 25 e 29 anos	15%
entre 30 e 34 anos	12%
entre 35 e 39 anos	13%
entre 40 e 44 anos	10%
entre 45 e 49 anos	8%
entre 50 e 54 anos	8%
entre 55 e 59 anos	5%
60 anos ou mais	9%

De maneira similar ao público da “Nossa História”, a maior parte dos leitores, num percentual de 62%, está na faixa etária dos 20 aos 44 anos.

Vemos então que a maior parte do público das revistas “Nossa História” e “História Viva” está numa faixa de maior idade, que se inicia entre os 19 e 20 anos, enquanto que o público da “Aventuras na História” é mais jovem, incluindo em suas fileiras leitores de 15 anos. Como apresentamos anteriormente, esta diferença manifesta-se também em relação à “Superinteressante”.

Apenas a editora Vera Cruz levantou dados sobre a escolaridade de seu público, que concentra-se pesadamente nas instituições de ensino superior. O conteúdo editorial, calcado na produção acadêmica, poderia explicar isto e explicaria também o público de “História Viva”, já que por sua associação com a “Historia” francesa, beneficia-se da produção de expoentes da historiografia francesa, como George Duby, autor presente na edição de abril de 2005. “Aventuras na História”, por outro lado, segue a linha editorial de “Superinteressante”, que “sempre teve um jeitão bem brasileiro, com informações leves, fáceis de digerir e com o humor sempre presente, marca registrada do nosso país”. Deste maneira, estes títulos tornam-se mais acessíveis aos alunos do ensino médio.

Porém, a hipótese do ensino superior, aventada inclusive pela própria editora Duetto, quando do contato para coleta das presentes informações, vai de encontro à questão da distribuição dos leitores por sexo.

O Ministério da Educação (MEC) informou para o ano de 2003, um total de 3.887.022 matrículas em cursos de graduação presenciais no Brasil, sendo 1.693.776 matrículas masculinas contra 2.193.246 matrículas femininas. O número de concluintes em cursos de graduação presenciais foi em 2003 da ordem de 528.223, com 198.912 concluintes do sexo masculino contra 329.311 concluintes do sexo feminino.

Resultados do Programa de Educação Tutorial (PET) do Curso de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, que busca estabelecer “um conhecimento mais aprofundado do perfil do aluno de História” poderiam ajudar-nos a esclarecer este ponto. Existiria um desvio considerável na distribuição por sexo dos alunos de graduação e pós-graduação em História? Entretanto, o MEC não aponta História como um curso no qual ocorra um desvio considerável, quer em favor do sexo feminino, quer em favor do sexo masculino.

Além disso, o estudante de História não é a chave para esta questão. A Le Point Communication, editora da quase centenária “Historia”, aponta em sua página na Internet o resultado de uma pesquisa na qual a História surge em nono lugar entre 56 áreas de interesse do público francês. Há ao que tudo indica um grande público interessado no tema, grande suficiente para produzir o desdobramento de um título da maior editora brasileira e para fomentar o lançamento de um número considerável de publicações similares em um curto período.

Os dados disponíveis e as metodologias aplicadas até o momento são insuficientes para o real conhecimento do público destas revistas. A metodologia para estabelecimento das classes A, B, C, D e E é por demais voltada à sua possibilidade de consumo para permitir uma caracterização adequada do público.

Mesmo a iniciativa da editora Vera Cruz, a única que ofereceu dados sobre a escolaridade de seu público, não identifica qual curso de graduação seus alunos freqüentaram.

Uma conclusão não é possível à luz destes elementos e constata-se portanto, a necessidade de uma investigação mais profunda, pelo próprio interesse profissional que este possível campo de trabalho representa para o historiador.

3. ANÁLISE DA REVISTA “DESVENDANDO A HISTÓRIA”

Em meio ao cenário descrito acima, ainda não muito claro, surge um título bimestral da editora Escala Educacional, que avança no bimestre corrente para o seu quinto número.

É importante observarmos que esta empresa foi fundada com base num projeto específico para a área educacional, editando um amplo catálogo de publicações didáticas e paradidáticas. Desta maneira, “Desvendando a História” é lançada como parte de um projeto maior, juntamente com a revista “Discutindo a Geografia”, voltada para o ensino médio e hoje, estas duas edições somam-se aos títulos “Discutindo Literatura”, “Discutindo Ciência”, “Discutindo Arte” e “Discutindo Educação Física”, que “pretendem se tornar um fórum para a discussão de temas essenciais à formação intelectual do estudante”.

De maneira distinta em comparação às suas concorrentes nas bancas de jornal, a Escala Educacional trabalha num nicho mais específico, composto majoritariamente pelos professores e alunos do ensino médio. A empresa aposta na sua percepção de que a “revista só chega ao aluno se o professor indicar”. Assim, os representantes de vendas da Escala Educacional levam as revistas aos professores, para que estes a adotem como material de aula. A própria escolha da periodicidade bimestral foi feita em razão deste público e do calendário escolar. Adicionalmente, sua presença na banca possibilita o contato com um público maior. A revista chega ao seu quinto bimestre com uma tiragem média de aproximadamente 40.000 exemplares e uma circulação média de aproximadamente 15.000 exemplares, segundo dados fornecidos pela própria empresa.

Sob a coordenação do historiador Marquillandes Borges de Sousa, “Desvendando a História” diferencia-se de “Aventuras na História” pelo seu conteúdo sério: nela não temos matérias jornalísticas e sim textos elaborados por historiadores. Ao mesmo tempo, opõe-se a “Nossa História” pela adoção de textos mais acessíveis e inova ao abrir seu espaço para a manifestação de todos os profissionais da História e não apenas aos acadêmicos. Entretanto, há seções de caráter interdisciplinar, abertas a especialistas de outras áreas.

Este perfil profissional garante textos de qualidade, com linguagem elaborada, porém acessível. Observa-se apenas que os textos redigidos por professores que militam nos cursos pré-vestibulares são propensos a maiores generalizações. Há que ressaltar neste ponto, o caráter didático, visto que o

grande público da revista está no ensino médio, daí a abordagem voltada para o conteúdo programático, com menor grau de problematização histórica.

Brasil e América Latina predominam na pauta da revista, abrindo uma nova temática em relação às concorrentes “Aventuras na História” e “História Viva”, que apresentam uma temática eurocêntrica. Esta proposta de abordagem latino-americana abre um novo campo de comunicação e troca de conhecimento, ampliando a possibilidade de envolvimento do público alvo com este tema.

Nas páginas de “Desvendando a História” predominam temas políticos, seguindo uma linha paralela ao conteúdo programático do ensino médio, o que de certa forma restringe o campo de abordagem histórica, mas ainda assim a revista busca diversificar a relação da História com outras áreas. Exemplo disso são as seções “Fique por dentro”, “Imprensa e História”, “História e Arte” e “Estudo do Meio”.

Visitação a museus, as fotografias, os filmes, as músicas, os arquivos e a pesquisa em páginas da Internet aparecem na revista como outros meios de apresentar a História ao leitor. Nesse sentido, a revista contribui muito, pois no ensino tradicional, a História fica confinada aos manuais didáticos.

Com relação ao uso da imagem, em algumas situações, verifica-se um caráter predominantemente ilustrativo, que está sendo superado com a evolução dos números da revista. A carência de legendas em algumas imagens dos exemplares analisados dificulta seu vínculo direto com o texto, mas embora desperte a curiosidade do leitor, deixa-a insatisfeita.

Há uma certa carência de fontes primárias e de mapas, que poderiam ampliar a compreensão do texto, mas há que observar-se o nível de especialização do público pretendido e a própria limitação do acervo de imagens da editora, conforme informado pelo coordenador da revista.

As capas, ao contrário das concorrentes nas bancas, não se apoiam nos grandes lançamentos cinematográficos para impulsionar suas vendas, mas há uma sintonia da temática com os temas históricos do período.

4. FICHAMENTO DOS EXEMPLARES

Os exemplares da revista “Desvendando a História” foram fichados obedecendo-se a organização das seções e os artigos publicados são discutidos ao final. Esse fichamento permite uma visão geral da publicação.

4.1. SEÇÃO “POR DENTRO”

Esta seção apresenta aos leitores alguns museus, suas características físicas, como arquitetura, localização; suas características históricas e, claro, suas exposições. Talvez tenha como objetivo incentivar a visitação aos museus brasileiros, já que nos três primeiros números, são apresentados: o Museu da Casa Brasileira, em São Paulo, SP; Fundação Joaquim Nabuco, em Recife, PE

e o Museu Paranaense, em Curitiba, PR. Já na edição de nº 4, foi apresentado aos leitores o Museu do Prado, em Madri, quebrando a série de museus brasileiros. A seção “Por Dentro” está sempre localizada entre as páginas 6 e 7, primeira seção da revista.

Ano I, edição de nº 1, Agosto/ Setembro de 2004

Autora: Erika Sallum

Características: O nome da seção ganha destaque, em vermelho, ocupa a extremidade das duas páginas da seção. O título se encontra na primeira página, a esquerda. Há sete imagens que se dividem entre as páginas, uma delas sendo uma foto do museu, e as restantes sobre as obras e objetos expostos. A autora descreve o museu fisicamente, sua história, suas peças e obras em exposição. Na estrutura do artigo, o título ganha destaque em vermelho localizando-se nas bordas das duas páginas. As bordas são de cor bege e contém uma moldura que remetem a um quadro antigo, o fundo do texto é branco. O artigo contém sete imagens, uma fotografia de sua fachada e seis imagens de objetos e obras de seu acervo.

Ano I, edição de nº 2, Outubro/ Novembro de 2004

Autor: Não vem expresso, segundo informação obtida junto à revista, todas as vezes que não for informado o nome do autor, o texto será de autoria de Marquilandês Borges.

Características: O autor faz uma brevíssima biografia sobre Joaquim Nabuco, sendo a Fundação em sua homenagem, após isso descreve a história de sua fundação, características físicas e seus acervos. O artigo contém quatro imagens distribuídas nas duas páginas, sendo elas duas fotografias da fachada, uma de seu interior e uma pintura de Joaquim Nabuco. Na estrutura do artigo, o nome da seção ganha destaque, sendo escrito em vermelho e localizado nas bordas, somente primeira página do artigo. As bordas são de cor bege e contém uma moldura que remetem a um quadro antigo. O plano de fundo do texto é uma imagem texturizada na cor bege.

Ano I, edição de nº 3, Fevereiro/ Março de 2005

Autora: Erika Sallum

Características: A autora faz uma breve descrição de sua história, passando para as áreas de estudo, exposições, descrição física e arquitetura. O artigo contém seis imagens distribuídas nas duas páginas, três são fotografias de espaços e exposições e três são imagens de objetos e obras de seu acervo. A estrutura do artigo segue as características do número anterior.

Ano I, edição de nº 4, Abril/Maio de 2005

Autora: Índigo

Título: Museu do Prado

Características: A autora descreve a importância das obras expostas no museu para a arte espanhola e também italiana, já que contém "obras primas" de pintores consagrados. A partir daí, faz um balanço sobre as obras do museu, passando pela sua arquitetura e estruturas internas. No final, disserta sobre a história do museu, segundo ela, o mais importante da Espanha.

Nesta quarta edição, esta seção se diferencia das demais por tratar-se de um museu fora do país, já que as três primeiras seções tratam de museus brasileiros. Traz também uma diferenciação nas bordas que, nas três primeiras seções eram de cor bege, e nesta edição, as bordas são de cor amarela, mas conservando a moldura em torno das mesmas, remetendo a um quadro antigo.

O artigo contém quatro imagens distribuídas nas duas páginas, três são de famosas obras expostas no museu e uma da fachada do museu, o fundo é bege, como as seções anteriores, o caráter do texto é dissertativa.

4.2. SEÇÃO “ACONTECEU EM”

Essa seção traz datas históricas com um excerto sobre o assunto, as datas correspondem a acontecimentos específicos ao longo do tempo, dentro do bimestre correspondente a cada edição. A apresentação é em forma de quadros amarelos com o texto, sobre um fundo branco com bordas beges, a data de destaque para o dia que aparece em vermelho, esse modelo se mantém em todos os números da revistas.

Em outras publicações do mesmo segmento esse tipo de seção sempre aparece, variando as datas escolhidas.

No entanto essa abordagem por datas remete a um conhecer de história por datas e marcos históricos deixando de lado todo o processo que levou a tais acontecimentos. A objetividade pretendida das datas históricas pode transparecer ao público uma visão reduzida e superficial de acontecimentos muito importantes.

Os excertos que acompanham as datas são muito curtos, e só tratam da data em si, muitas vezes caindo em chavões históricos, quando não em equívocos, desconsiderando as novas pesquisas históricas.

Se pensarmos no público pretendido pela revista, essa seção até trás informações, porém sem a contextualização necessária para a compreensão histórica dos fatos.

Ano I, edição nº 1, Agosto/Setembro de 2004.

Localização: Ocupa 2 páginas, a 8 e a 9.

Autor: Não vem expresso, segundo informação obtida junto à revista todas as vezes que não aparecer o nome do autor, o texto será de Marquilandes Borges.

Características: o nome da seção ganha destaque com caracteres diferenciados das demais seções, e ocupa a extremidade superior das duas páginas. São 12 quadros com datas e excertos, com distribuição aleatória pelas páginas. Conta com seis imagens pequenas, relacionadas com algumas datas expostas, a maioria fotografias.

Comentários: A maioria das datas escolhidas são do século XX, e da segunda metade do mesmo.

Ano I, edição n° 2, Outubro/Novembro de 2004

Localização: Ocupa 2 páginas, a 8 e a 9.

Autor: Não vem expresso (Marquilandes Borges)

Características: O nome da seção vem em formato itálico. São 10 os quadros com as datas e excertos. Além de mais quatro imagens – 1 fotografia e 3 gravuras – distribuídas 2 cada página.

Comentário: No quadro sobre a Revolução Praieira foi dito que esta seria a última Revolução do Império (do Brasil), no entanto a historiografia já não mais afirma isso, devido a estudos mostrarem que outras revoltas aconteceram. Vale lembrar que a historiografia usa indiscriminadamente os termos revolução e revolta para os levante após a independência.

Ano I, edição n° 3, Dezembro/Janeiro de 2004/2005

Localização: Ocupa duas páginas, a 8 e a9.

Autor: Não vem expresso (Marquilandes Borges)

Características: O nome da seção aparece em itálico./ É composta por 12 quadros com excertos, e mais 4 pequenas fotografias.

Comentários: Três das fotografias são de personalidades, Fidel Castro, George W. Bush e Chico Mendes, isso mostra o quanto a revista dá preferência a assuntos políticos. Também chama a atenção com uma data recente em meio a tantas outras centenárias, a posse do presidente Bush em 20 de janeiro de 2001.

Ano I, edição n° 4, Março/Abril de 2005.

Localização: Ocupa as páginas 8 e 9.

Autor: Não vem expresso (Marquilandes Borges)

Características: São 10 quadros de datas com excertos, com 3 imagens que localizadas só na página 9. A distribuição dos quadros é sobreposta.

Comentários: As datas na maioria são de acontecimentos da história do Brasil. As imagens são de personagens conhecidos e em forma de retrato, dando a impressão de que aquelas pessoas que fizeram a história.

4.3. SEÇÃO “DESVENDE”

A seção “Desvende” traz a fotografia de momento (instante captado pela fotografia) que está dentro de um acontecimento histórico maior, e juntamente com um pequeno texto propõe, ao leitor que “adivinhe” ou “desvende” qual o acontecimento histórico em questão. A resposta é dada na penúltima página da revista, apenas com o nome atribuído ao acontecimento.

A idéia de interagir com o leitor, testando o seu conhecimento de alguma forma é bem interessante, e a utilização da fotografia facilita a aproximação do leitor com uma forma de documento histórico. Mas não é bem como documento histórico que a fotografia é tratada nessa seção, pois o texto não indica nenhuma forma de análise para o leitor seguir, deixando tudo a cargo da *adivinhação*. Mesmo que o público pretendido pela revista seja o não especializado, pequenos indicativos de análise poderiam ser fornecidos.

Quanto à resposta sobre de qual acontecimento histórico é aquela imagem, a resposta que vem em poucas palavras, nada diz sobre o acontecimento além

da denominação do mesmo. Poderia ser feito ao menos um breve resumo sobre o assunto, pois senão fica novamente a impressão de que a História é feita de datas e denominação de acontecimentos, deixando de lado o longo processo por traz dessa abordagem quase que factual.

Ano I, edição nº 1, Agosto/Setembro de 2004

Localização: Após o primeiro artigo, seção de página dupla, 16 e 17.

Autor: Não vem expresso (Marquilandes Borges).

Características: O tema é a Revolução Cubana, a fotografia tem tonalidade sépia, as bordas são largas e brancas. O texto é curto e fica na parte superior da página 16. Os maiores indícios são dados pela fotografia, onde aparece a bandeira cubana e soldados armados com expressão de felicidade.

Comentários: O texto não oferece muita informação para o leitor, sendo nesse caso um auxiliar pouco proveitoso.

Ano I, edição nº 2, Outubro/Novembro

Localização: Após o primeiro artigo, seção de página dupla, 14 e 15.

Autor: Não vem expresso (Marquilandes Borges)

Características: O tema é o enterro de John Lenon. São duas fotografias da multidão, aparece uma pessoa com um cartaz, e a inscrição em inglês é traduzida em uma pequena legenda ao lado da fotografia. O texto aparece na parte superior da página 15 e também não é grande.

Comentários: Por se tratar de uma imagem de multidão o texto é mais indicativo para facilitar o leitor a descobrir de qual evento se trata, o elemento da fotografia que mais indica qual é o evento em questão e o cartaz (que foi traduzido). Por não oferecer formas de análise de fotografia, as imagens sempre trazem elemento explícitos sobre o acontecimento.

Ano I, edição nº 3, Dezembro/Janeiro de 2004/2005

Localização: Após o primeiro artigo, seção de página dupla, 16 e 17.

Autor: Não vem expresso (Marquilandes Borges)

Características: Uma única fotografia de página dupla, em preto e branco, que destaca soldados em um invasão por mar. O tema é o Dia D. O texto é pouco esclarecedor mas carregado de julgamentos favoráveis a respeito da guerra.

Comentários: Este é um dos poucos casos em que o autor se posiciona, mesmo que expressamente, sobre um determinado assunto, que no caso é de grande importância histórica.

Ano I, edição nº 4, Março/Abril de 2005

Localização: Após o primeiro artigo, seção de página dupla, 14 e 15.

Autor: Não vem expresso (Marquilandes Borges)

Características: O tema é a Conquista da Copa do Mundo de 1970. Uma fotografia de página dupla mostra a multidão nas ruas com muitas bandeira do Brasil, outras duas pequenas fotografias aparecem na lateral esquerda da página 14.

Comentários: O texto faz referência a outros assuntos que envolviam a conquista da Copa do Mundo, como a manipulação da população pelo governo militar. Esse texto foi feliz nas suas indicações, no entanto demais textos dessa seção não tinham a mesma qualidade.

4.4. SEÇÃO “ESTUDO DO MEIO”

Esta seção, que se inicia apenas na segunda edição da revista, tem como objetivo a troca de experiências entre professores do ensino médio e fundamental, sobre como uma aula fora dos muros da escola pode ser produtiva para o melhor entendimento dos alunos, onde possam ver a história com seus próprios olhos. A partir daí, os professores narram suas experiências.

Esta seção, junto com a seção preenche uma das características da editora: um caráter didático, onde outras revistas, como “Discutindo a Geografia” e “Discutindo a Literatura” também trazem este caráter didático, como sugere uma das propagandas da revista “Geografia e história se aprende na escola... e também nas bancas” e também como o próprio nome da editora: Escala Educacional.

Ano I, edição de nº 2, Outubro/Novembro de 2004

Título: História sem paredes: uma visita à fazenda.

Autor: Jackson Farias, historiador e professor de ensino médio e cursos pré-vestibular.

Localização: A seção encontra-se na página 22, ocupando somente uma página do lado esquerdo da revista.

Características: O autor descreve sua experiência de aula fora das paredes da escola, numa visita à fazenda Ibiacaba, antiga propriedade do Senador Nicolau de Campos Vergueiro, onde a atual família preserva as estruturas das plantações de café do século XIX e as marcas da transição do trabalho escravo para o trabalho livre dos imigrantes europeus, Senador Nicolau de Campos Vergueiro. O autor também indica um livro de Thomas Davatz, Memórias de um colono no Brasil, relatando a memória de imigrantes europeus, protagonistas desta transição.

O nome da seção ganha destaque, em vermelho, na extremidade superior da página, estando abaixo, o título do artigo. O plano de fundo é composto por uma fotografia da mesma fazenda. O artigo tem apenas uma imagem, além do plano de fundo, o livro de Thomas Davatz.

Ano I, edição de nº 3, Fevereiro/ Março de 2005.

Título: Vale do Paraíba: memória e esquecimento.

Autor: Sidnei Gomes Leal, professor de história do colégio Giordano Bruno, em São Paulo.

Localização: A seção encontra-se nas páginas 24 e 25

Características: O autor relata sua experiência com uma aula sobre o Vale do Paraíba, no Vale do Paraíba, onde narra uma metodologia, onde os alunos fazem um reconhecimento do dos “indícios de riqueza e opulência, em contraste com os de pobreza e decadência que marcam a região” após isso elaborando e sistematizando conclusões, se apropriando do ofício do historiador, os alunos podem sentir a história.

O nome da seção ganha destaque, em vermelho, na extremidade superior da página, estando abaixo, o título do artigo, o plano de fundo é branco. O artigo possui cinco imagens, fotos da visita dos alunos ao Vale do Paraíba.

Ano I, edição de nº 4, Abril/Maio de 2005

Título: Usina de Corumbataí

Autor: Venerando Santiago de Oliveira, é físico e professor do ensino médio e pré-vestibular.

Características: Há duas diferenças marcantes entre este artigo e os dois artigos anteriores desta seção. O primeiro, é que Venerando não é professor de história, mas propões um passeio pela usina de Corumbataí, sugerindo uma aula multidisciplinar; o segundo ponto é que, o autor não descreve sua experiência, mas como dito anteriormente sugere uma visita à Usina como uma forma de metodologia de ensino que, além de atraente, é multidisciplinar. Deixando a sugestão, não para professores e alunos, mas para quaisquer interessados.

O nome da seção ganha destaque, em vermelho, na extremidade superior da página, estando abaixo, o título do artigo, o plano de fundo é branco.

4.5. SEÇÃO “PASSADO E PRESENTE”

Esta seção tem por objetivo mostrar historicamente a origem de famigeradas instituições contemporâneas, contextualizando a época e os “porquês” de sua criação.

A frequência desta seção na revista não é contínua, já que surge na segunda edição e desaparece na quarta. Ocupa poucas páginas: na segunda edição uma, e na terceira duas.

Ano I. Primeira edição: inexistente.

Ano I, edição de nº 2, Outubro/Novembro de 2004

Título: “Como surgiu o FMI?”.

Autor: oculto. Segundo informação obtida junto à revista, todas as vezes que não aparecer o nome do autor, o texto é de Marquilandes Borges.

Localização: Primeira metade da revista. Ocupa uma página – ímpar.

Características: O título está escrito em fundo branco, assim como o texto, ambos sem nenhuma cor ou qualquer outro recurso para destaque. Na borda em azul, uma charge com a figura de uma ave gorda “montada” no globo terrestre sugere uma alusão à instituição tratada no artigo: o FMI.

Comentário: O texto inicia com uma breve descrição da seção, justificando seus objetivos. Com um texto bastante curto e simples, o autor descreve cronologicamente a origem desta instituição, justificando o tratamento do tema pela grande presença que esta sigla tem nos meios de comunicação de massa (internet, televisão, rádio, jornais, revistas etc.).

Ano I, edição de nº 3, Fevereiro/ Março de 2005.

Título: “Como surgiu a Onu?”.

Autor: Conrado Ferrante Bichara. Historiador formado pela Universidade Estadual de São Paulo (UNESP).

Localização: Primeira metade da revista. Ocupa duas páginas, com o título na página par.

Características: O plano de fundo é uma fotografia em preto e branco, retratando uma conferência da instituição tratada. Outras duas fotos estão

presentes: uma de uma sucessão de bandeiras de países membros – remetendo a algum prédio desta instituição – e outra retratando um encontro entre representantes e membros desta instituição. Estas, ambas coloridas. Nenhuma com crédito ou nota explicativa.

O título está em amarelo e a sigla “ONU” em negrito.

Comentário: O texto inicia já tratando do período de criação da instituição, sem antes fazer (como na edição anterior) uma “regressão” da contemporaneidade para a época apresentada. Trata do seu estabelecimento no pós-segunda-guerra, como perpassou pela “Guerra Fria” e como se encontra hoje – assim como na edição anterior: cronologicamente.

Ano I. Quarta edição: inexistente.

4.6. SEÇÃO “HISTÓRIA & ARTE”

Filmes e músicas, temas dos meios de comunicação em massa e de alcance popular são analisados historiograficamente nesta seção. O estudo de obras com alguma abordagem histórica serve de introdução do leitor em um campo mais amplo que o da obra propriamente dita. Por exemplo, ao analisar as letras das músicas de Chico Buarque, dentro do contexto-histórico em que foram produzidas e com um olhar mais crítico, o autor busca estender a visão do leitor para além da beleza da música do cantor.

Ano I, edição nº1

Título: As Invasões Bárbaras

Autor: Marquilandes Borges de Sousa

Localização: ocupa 2 páginas, ambas com imagens do filme.

Comentários: o autor inicialmente faz uma sinopse do filme de Denys Arcand, para depois aprofundar-se mais na relação entre pai e filho, que seria uma metáfora da dualidade presente durante a Guerra Fria, contexto-tema do filme, o socialismo de um lado (pai), e o capitalismo do outro (filho). Outra visão histórica que Marquilandes aborda é a do próprio contexto em que foi produzido o filme, 2001, no qual, segundo uma visão crítica do autor, os bárbaros, que nos remetem aos invasores do antigo Império Romano, seriam os traficantes e o terrorismo do império norte-americano.

Ano I, edição nº2

Título: As Músicas Políticas de Chico Buarque

Autor: Marquilandes Borges de Sousa

Localização: ocupa 2 páginas, com fotos de Chico Buarque.

Comentários: com a reprodução parcial de 5 canções de Chico Buarque, o autor traça um paralelo entre a letra da música e o ano em que foram escritas, todas elas dentro do contexto da ditadura militar no Brasil. Dessa forma, embora Marquilandes atente ao leitor a diversidade da obra de Chico, só foram analisadas músicas que denunciavam a repressão.

Ano I, edição nº3

Título: O Velho

Autor: Marquilandes Borges de Sousa

Localização: 2 páginas, sendo uma inteira ocupada pelo retrato de Luís Carlos Prestes.

Comentários: ao contrário das 2 seções anteriores, nesta o autor se mostra mais crítico. Diante da repercussão do filme Olga, baseado no livro de um jornalista, Marquilandes reproduz críticas negativas de especialistas da área do cinema, para então sugerir um documentário que, por conter imagens de época, entrevistas com os próprios sujeitos tratados, e depoimentos de historiadores, permite uma recuperação cronológica dos fatos mais importantes do período. Ou seja, sugere uma outra obra, que trata do mesmo assunto de Olga, com mais “consistência” histórica.

Ano I, edição nº4

Título: Filme Traz à Luz Revolução Inglesa

Autor: Rafael Augustus Sêga

Localização: 2 páginas inteiras.

Comentários: trata-se do filme Morte ao Rei de 2003, que procura, como trama principal, retratar a trajetória política de Oliver Cromwell. Após breve sinopse do filme, o autor passa o resto do artigo a tratar da Revolução Inglesa e da vida de Oliver Cromwell, além de citar duas importantes obras da historiografia sobre o assunto tratado.

4.7. SEÇÃO “IMPrensa & HISTÓRIA”

A relação feita no título da seção entre imprensa e história não foi bem trabalhada no corpo da seção.

Essa seção fala sempre de uma publicação periódica da imprensa escrita brasileira, às vezes a abordagem é sobre a publicação em si, outras vezes e de como uma publicação abordou um determinado tema. Nas duas formas de tratar dessas publicações de época não definem no texto qual é o tipo de relação pretendida entre a imprensa e a história.

Informações sobre as temáticas tratadas pelas publicações de época poderiam ser mais atrativas para o leitor. A matéria poderia trazer mais informações sobre a disponibilidade das publicações para consulta do leitor, pois dessa forma incentivaria uma visita ao arquivo para poder entrar em contato direto com o material.

Em relação a outras publicações do mesmo segmento essa relação com material de imprensa de época é inovadora.

Ano I, edição nº 1, Agosto/Setembro de 2004

Localização: Sempre depois do artigo de chamada de capa. Páginas 42 e 43.

Autor: Não vem expresso (Marquilandes Borges)

Características: A publicação em questão neste número, foi a revista “Fon-Fon”, um número de 1922, com o tema do recebimento do presidente eleito da Argentina pelo presidente do Brasil, Epitácio Pessoa. A seção tem meia página de texto, com um fundo que reproduz a fotografia da publicação, em imagens sobrepostas em tonalidade amarelada (aspecto envelhecido)

Comentários: O tema escolhido foi bem trabalhado no texto, fazendo uma relação o a realidade vivida por Brasil e Argentina nas relações do Mercosul, que a publicação em si tenha sido pouco explorada, mesmo havendo a transcrição de parte da matéria da época.

Ano I, edição nº 2, Outubro/Novembro de 2004

Localização: Após o artigo de chamada de capa. Páginas 42 e 43.

Autor: Não vem expresso (Marquilandés Borges).

Características: A publicação tratada nesse número foi a revista Realidade, do acervo do Arquivo do Estado de São Paulo. O texto traz informações sobre a publicação em forma geral e trata pontualmente do primeiro número de fevereiro de 1967. As imagens da publicação são de várias revistas sobrepostas dando visibilidade para as imagens da revista Realidade.

Comentários: O texto está em total harmonia com as imagens da revista Realidade, pois as fotografias são da edição de fevereiro de 1967. As cores da seção são em tons esverdeados, ordenando com os tons da publicação de época.

Ano I, edição nº 3, Dezembro/Janeiro de 2004/2005

Localização: Após o artigo da chamada de capa, nas páginas 44 e 45.

Autor: Não vem expresso (Marquilandés Borges)

Características: A publicação trata a Revista Feminina (1914-1936), a abordagem é feita pelo espaço que as mulheres vinham conseguindo naqueles anos com o movimento feminista. O texto ocupa apenas meia página (46), ficando a outra com a fotografia de um dos números da publicação tratada. O texto tem dar conta da importância da publicação nos seus 22 anos de edição.

Comentários: A publicação escolhida foi muito bem apresentada, pois problematizou seu surgimento com as questões da época.

Ano I, edição nº 4, Março/Abril de 2005

Localização: Após o artigo de chamada de capa. Páginas 44 e 45.

Autor: Não vem expresso (Marquilandés Borges).

Características: A publicação escolhida foi a revista Manchete, com enfoque na matéria que tratava do Maio Francês ou Maio de 68. O texto tratou mais do movimento estudantil no Brasil e na falou da matéria da revista Manchete, que ficou resumida a fotos dessa publicação. Os tons predominantes foram o vermelho e o amarelo.

Comentários: Esse texto foi infeliz pois quase nada falou da revista Manchete, até a chamada da capa enfocava a questão do maio de 68. Outro fato relevante é que não consta no texto qual o arquivo que conserva essa publicação.

4.8. SEÇÃO “HISTÓRIA ILUSTRADA”

Essa seção faz uma pequena narração de um acontecimento histórico com texto e fotografias, o texto não é uma descrição da fotografia e nem esta está diretamente ligada ao assunto pontual do quadro que está sobreposto a esta, porém texto e fotografias não são conflitantes.

Em todos os números publicados até o momento, essa seção só tratou de temas políticos, segundo a revista isso não foi proposital, tendo como causa a limitação do arquivo.

Quando se propõe trabalhar com fotografia devemos estar cientes das limitações desse material, em se tratando de uma publicação de história, a seqüência de temas políticos retoma uma forma de se estudar história apenas pelos acontecimentos políticos. Esse tipo de abordagem parece estar ganhando espaço novamente, mas deve ser passado para o grande público com um tipo de abordagem da histórica, mas não como o principal.

Ano I, edição nº 1, Agosto/Setembro de 2004

Localização: Páginas 44, 45, 46 e 47.

Autor: Não vem expresso (Marquilandes Borges)

Características: O tema é o Golpe de 64. São 6 os quadros com textos, esses traçam um panorama político que antecedeu o golpe, nada diz da situação política após o Golpe Militar. A fotografias são 6, e focalizam políticos, as mobilizações populares e o momento da eleição do primeiro presidente militar Castelo Branco.

Comentário: Tratar do Golpe Militar de 64 e deixar de lado todos os acontecimentos internos posteriores de fora dessa narração compromete abordagem do tema. Pois as conseqüências do golpe são até mais importantes que o próprio Golpe.

Ano I, edição nº 2, Outubro/Setembro de 2004

Localização: Páginas 44, 45, 46 e 47.

Autor: Não vem expresso (Marquilandes Borges).

Características: O tema foi a Revolução dos Cravos. São 5 quadros de texto que ressalta o caráter pacífico do movimento, trazendo trechos de músicas de Portugal e do Brasil. As 5 fotografias que compõem essa seção também mostra a mobilização popular e presença dos soldados nas ruas, as pessoa aparecem sempre segurando cravos e nas fotografias não aparecem políticos.

Comentários: Uma fotografia mostra a participação das mulheres nessa revolução, no entanto esse tema não é tratado no texto, o que seria interessante para mostrar com as mulheres foram ganhando seu espaço sobretudo naquela época.

Ano I, edição nº 3, Dezembro/Janeiro de 2004/2005-06-22

Localização: Da página 46 até a página 49.

Autor: Não vem expresso (Marquilandes Borges)

Características: O tema é as Diretas Já. Composta de 10 fotografias e 10 quadros com pequenos textos, tanto fotografia quanto texto enfocam as personalidades que fizeram parte desse movimento, e as manifestações populares também aparecem como destaque.

Comentários: O tema foi bem trabalhado, com o jogo de imagens. A importancia das Diretas Já podem ser percebida pelos leitores se comparada com essas mesma seção no primeiro número, que trata do Golpe de 64, mesmo o texto não fazendo essa relacao direta entre as publicações.

Ano I, edição nº 4, Março/Abril de 2005

Localização: Páginas 46, 47, 48 e 49.

Autor: Não vem expresso (Marquilandes Borges).

Características: O tema é o Golpe Militar no Chile, porém não aparece o título da seção nesse número. São 9 os quadros de texto, que tratam do suicídio do presidente Salvador Allende e da tomada do poder por Pinochet, ainda trata rapidamente do anos do governo de Pinochet até seu afastamento. As 10 fotografias mostram a sede do governo no Chile, os presos por se oporem ao governo de Pinochet, mostram as mães da Praça de Maio e fotos de Pinochet sem em uniformes militares.

Comentários: As fotografia não foram bem selecionadas, focalizando quase sempre o governante Pinochet, e a população que sofreu com as conseqüências daquele governo ficaram resumidas em apenas 3 fotografias sem grande destaque.

4.9. SEÇÃO “CLÁSSICOS DA HISTÓRIA”

Em cada edição, o autor seleciona obras consideradas clássicas na historiografia, por serem de autores consagrados e pelo impacto que teve a obra quando de seu lançamento, bem como pela sua capacidade de permanecer importante entre os historiadores. O objetivo da seção é incentivar a leitura de livros históricos e gerar um conhecimento sobre o campo de pesquisa dos historiadores profissionais.

Ano I, edição nº1

Título: Afinal, para que serve a história? Pergunte a Marc Bloch

Autor: Marquilandes Borges de Sousa (não assinado)

Localização: 2 páginas, com uma ilustração da capa do livro.

Comentário: Marquilandes faz uma síntese do livro de Marc Bloch e de sua vida.

Ano I, edição nº2

Título: Tucídides e a Arte da Guerra

Autor: Jorge Sallum

Localização: duas páginas com 2 figuras que remontam à Grécia Antiga, e uma ilustração da capa do livro.

Comentário: após pequena apresentação de Tucídides e resumo do livro, o autor explica a abordagem metodológica de Tucídides sobre a Guerra do Peloponeso.

Ano I, edição nº3

Título: A História por Edward Gibbon

Autor: Jorge Sallum

Localização: 2 páginas com imagens do Império Romano

Comentário: o autor salienta os métodos historiográficos utilizados por Edward Gibbon, historiador do século XVIII. Em seguida, tece pequeno comentário sobre a obra, declínio e queda do Império Romano.

Ano I, edição nº4

Título: Jules Michelet e a Revolução Francesa

Autor: Jorge Sallum

Localização: 2 páginas, com uma figura que nos remete à Revolução Francesa. Neste caso, é necessário um conhecimento prévio da história da Revolução, ou o bom senso de associá-la ao título do artigo, visto que a figura não apresenta legenda.

Comentário: antes de comentar sobre a obra e seu autor, Sallum passa grande parte do artigo discorrendo acerca da Revolução Francesa, o que é bem vindo, já que Jules Michelet “talvez seja o maior historiador dessa geração”. Sallum dá enfoque especial à idéia de povo, e termina com a indicação bibliográfica do livro de Michelet da Companhia das Letras.

4.10. SEÇÃO “OUTRAS PERSONAGENS”

Esta seção tem por objetivo o “desvendar” de personagens “esquecidos” pela História oficial, tentando incorporar às informações e conhecimentos dos leitores alguns nomes que não estão estampados nos panteões da História, criticando essa mazela e atribuindo a responsabilidade aos livros didáticos. Preocupa-se com o aspecto personalista e admite não ser a “melhor forma” de escrever e difundir os conhecimentos históricos, mas tenta justificar como sendo impossível de se fazer História sem tender a valorização de “personagens” atuantes nos fatos históricos. É possível perceber contínuas mudanças de um número para outro, no que tange ao conteúdo e diagramação da página da seção.

Ano I. Primeira edição:

Título: “Gente que ajudou a fazer a História do Brasil e do mundo, mas volta e meia é esquecida pelos livros didáticos”.

Autor: oculto. Segundo informação obtida junto à revista, todas as vezes que não aparecer o nome do autor, o texto é de Marquilandes Borges.

Localização: Segunda metade da revista, em página par.

Características: O título, a letra capitular e o nome da seção estão em cor de destaque (laranja). O fundo é um desenho de papel com as bordas “roídas” e cor envelhecida, sobre o qual se assenta o texto. Em baixo desta representação de papel envelhecido, o nome da seção está escrito em letra cursiva. Uma gravura sem nenhum tipo de identificação (nome, legenda, nota explicativa ou crédito) se encontra no lado direito do texto – supõe-se que seja a personagem de quem se traga notícia nesta seção.

Comentário: O título é mais uma explicação do objetivo da seção do que um título em si; trata-se do primeiro exemplar. A impressão que dá, é que a sua crítica ao esquecimento não é plena, pois em lugar algum o nome da personagem está escrito em destaque: preocupou-se mais em apresentar a seção que a “outra personagem”. Um aspecto interessante é a tentativa do autor em “desmentir” a História oficial e apontar a possibilidade de outras interpretações e eventos dentro de uma mesma temática abordada.

Na apresentação da “outra personagem”, faz um trato estritamente biográfico e cronológico, apoiando-se em datas, fatos e feitos exclusivamente. No final do texto, traz uma descrição da personagem entre aspas, que pelo vocabulário supõe-se que seja “de época”, porém nenhuma citação acerca de sua autoria é feita.

Ano I. Segunda edição:

Título: “Talleyrand”.

Autor: oculto. Segundo informação obtida junto à revista, todas as vezes que não aparecer o nome do autor, o texto é de Marquildes Borges.

Localização: Segunda metade da revista, em página par.

Características: O título é o nome da personagem, em letras vermelhas, mas o nome da seção continua escrito em laranja. Uma foto colorida está alocada no final da página, assim como muitas outras, sem nota explicativa e créditos. A inscrição “Outras personagens” em letra cursiva ao fundo, se localiza neste número na parte superior da página, atrás da inscrição do título.

Comentário: Neste segundo número, a seção é iniciada com uma nova justificativa diante do papel da seção: “Ainda que os estudos históricos contemporâneos não utilizem uma abordagem puramente personalista, é quase impossível não se fazer referência a certas figuras dependendo do momento estudado (...)”. Os aspectos deste número continuam sendo estritamente biográficos e cronológicos, porém com uma diferença: atribui a esta personagem exclusivamente (Talleyrand) a manutenção dos direitos civis do povo francês no pós-Revolução Francesa – “Graças a ele os franceses garantiram a manutenção de seus principais interesses”.

Ano I. Terceira edição.

Título: “Ranieri Mazzilli”.

Autor: oculto. Segundo informação obtida junto à revista, todas as vezes que não aparecer o nome do autor, o texto é de Marquildes Borges.

Localização: Segunda metade da revista, em página par.

Características: O formato e cor do título, a inscrição do nome da seção ao fundo e o posicionamento e atributos (ou sua ausência) permanecem como no número anterior, excetuando a cor do nome da seção, que passou do laranja para amarelo.

Comentário: Inicia o artigo explicando o papel do presidente da Câmara dos deputados como suplente do vice-presidente (para enquadrar a personagem descrita). Como este número trata de um “episódio” recente da história nacional, a estrutura biográfica e cronológica de apresentação e descrição da personagem parece não ser a principal característica nesta seção. A apresentação da personagem está mais centrada na narração das atuações políticas de Mazzilli e na exaltação de sua “importância na História nacional”. O período trabalhado é da posse de Jânio Quadros em 1961 (passando por sua renúncia, os problemas da sucessão de João Goulart) até a posse do primeiro presidente do regime militar em 1964.

Ano I. Quarta edição.

Título: “Nísia Floresta”.

Subtítulo: “Feminista” e peregrina brasileira”.

Autor: Stella Maris Scatena Franco. Mestre e doutoranda pela universidade de São Paulo (USP).

Localização: Segunda metade da revista, em página par.

Características: A diagramação da página continua a mesma, exceto pelo acréscimo do subtítulo (em itálico e cor azul escuro) e do nome da autora (em destaque – na cor do título em itálico). Um quadro com obras de referência foi colocado no canto inferior direito da página. A ilustração foi feita através de

uma gravura (assim como as outras imagens, sem atributos de identificação e explicação).

Comentário: Este texto visivelmente encomendado traz no seu conteúdo a mescla do tipo de abordagem praticada até então nesta seção: conteúdo biográfico/cronológico e o enquadramento das atuações “importantes” da personagem no contexto apresentado. O aspecto interessante e inédito (além da exposição da autoria do texto) é a informação de obras de referência bibliográfica para o aprofundamento no tema.

4.11. SEÇÃO “EU ME LEMBRO”

Ano I. Primeira edição.

Título: inexistente.

Autor: entrevista de Murilo de Andrade Carqueja, colhido pela jornalista Cláudia Croitor.

Localização: Segunda parte da revista, em página ímpar.

Características: O nome da seção está inscrito num quadro lilás, na parte superior da página; o nome está escrito na mesma região da página, também no plano de fundo em letra cursiva. O texto está escrito sobre uma representação de folha de papel envelhecida, com as bordas “roídas” em tom amarelado. A ilustração é uma foto do depoente em preto e branco, alocada na parte inferior da página – foto com crédito. O texto está todo entre aspas. No final, uma descrição do depoente contendo nome, idade, profissão e cidade onde mora.

Comentário: O texto resultado de uma entrevista, escrito entre aspas e colhido por uma jornalista, da forma que se afigura, parece ter sofrido alterações e interferências (digo isso pensando no seu aspecto sintético e coeso, muito difícil de ser a reprodução literal expressa pelo depoente). A tentativa de colocar “pessoas comuns” como atores e personagens da História é um aspecto bastante interessante desta seção. Contudo, para tal, os editores utilizaram recursos para fazer com que a relevância do entrevistado tomasse um aspecto “histórico”, sobretudo no que diz respeito à diagramação da página e os elementos utilizados nela: o aspecto envelhecido do plano de fundo e da foto (preto e branco).

Ano I. Segunda edição.

Título: “No tempo dos caras-pintadas”.

Subtítulo: “Muitas quedas em poucas horas”.

Autor: Erika Sallum. Jornalista e editora-chefe da revista *Desvendando a História*.

Localização: Segunda metade da revista, em página par.

Características: O nome da seção continua num quadro lilás, porém a sua inscrição em letra cursiva no plano de fundo está, a partir deste número, na parte inferior da página. O texto continua sendo escrito sobre um plano de fundo com a representação de uma folha de papel envelhecida, porém, com tons menos amarelados que a da primeira edição (o que talvez possa sugerir um “menor envelhecimento”). Duas fotos fazem a ilustração desta página, diferindo do número anterior por serem coloridas e não terem créditos. O texto não está escrito entre aspas.

Comentário: O texto, escrito em primeira pessoa e sem aspas, passa a impressão de maior propriedade do autor sobre o conteúdo expresso (sem intervenções, como pode ser nitidamente percebido no número anterior). A partir deste número, o “personagem” é quem escreve, não mais um entrevistado, e todos eles, com formação no ensino superior.

As regressões e lembranças da autora, colocando-se como “participante da História” (quando faz a comparação com os militantes do movimento estudantil da década de 60) deixa claro o objetivo da seção – já que se trata do discurso/depoimento da editora chefe da revista.

Ano I. Terceira Edição.

Título: “O espelho”.

Subtítulo: “As lembranças de uma ex-guerrilheira do Araguaia”.

Autor: Rioco Kayano. Ex-militante do movimento estudantil, que foi presa política durante o regime militar.

Localização: Segunda metade da revista, em página par.

Características: A diagramação é bastante similar à anterior, exceto a ausência de ilustrações ou fotografia num primeiro plano. Estas se encontram em plano de fundo, sem nenhum atributo de identificação ou explicação. São duas: uma representando o movimento estudantil e outra, aparentemente representando um acampamento de guerrilha. O texto é escrito de forma peculiar, em versos e estrofes, que é um aspecto inédito desta seção em relação a todos os outros números.

Comentário: A forma pela qual a autora escolheu escrever o texto é bastante interessante, pois desperta uma emotividade que os textos dissertativos e/ou narrativos não fazem. Dessa forma, descreve de forma nostálgica os seus primeiros anos de vida, a sua vinda a São Paulo e quando do golpe, teleologicamente retrata a amargura daquele evento (o golpe militar de 1964) que no então, provavelmente não saberia as experiências que estava por passar. No final, demonstra e exalta os ideais porque lutava naquela época, deixando clara a intenção de tentar se reconhecer como parte atuante de um período bastante conturbado (e significativo) da História do Brasil.

Ano I. Quarta edição

Título: “11 de setembro”.

Subtítulo: “Muitas quedas em poucas horas”.

Autor: Ricardo Lísias. Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP) e escritor.

Localização: Segunda metade da revista, em página par.

Características: A diagramação é bastante similar ao número 3, exceto pelo destaque do nome do autor. Repete-se o esquema de duas fotos coloridas, sem créditos nem notas explicativas.

Comentário: O texto escrito por um literato acadêmico deixa clara a intenção da revista que, a partir do número 2, passou a adotar autores com formação universitária com texto próprio em detrimento à entrevista (como é no primeiro número desta seção). O texto em primeira pessoa, sem aspas e, por conseguinte, sem intervenções formais e de conteúdo, pode ser uma tentativa de sanar as imprecisões causadas tais ações. A temática do evento é associada ao cotidiano do autor, que introduz no narrar dos acontecimentos, uma história particular da notícia do falecimento de sua avó. A contraposição

destes eventos parece transparecer a tentativa de colocar um referencial de História e cotidiano, mostrando que a História oficial não anula o cotidiano e tentando quebrar os estereótipos de mobilidade deste tipo de História (já criticado em outras seções, a História dos livros didáticos, a História oficial) em relação aos eventos relacionados à cotidianidade. Revela também a relação e transmite a noção de “patrimônio”: os noticiários sobre o ataque aos EUA relevado pela notícia da morte da avó do autor, que em sua perspectiva é mais relevante e arrebatadora naquele instante.

4.12. SEÇÃO “OFÍCIO DO HISTORIADOR”

Com narrações em 1ª pessoa, feita pelo autor de cada artigo, o objetivo da seção é apresentar, passo a passo, o objeto de estudo do historiador, ou seja, seu tema de pesquisa, e como este foi desenvolvido e concebido. Numa linguagem mais informal, essa seção dá espaço a historiadores para que falem um pouquinho de seu trabalho, no âmbito da pesquisa.

Ano I, edição nº1

Título: O nascimento de Vila Rica

Autora: Maria Aparecida de Menezes Borrego, mestre em História Social e doutoranda pela Universidade de São Paulo.

Localização: 4 páginas, com fotografias da atual Ouro Preto, tema de seu trabalho.

Comentário: o livro *Códigos e Práticas: O Processo da Constituição Urbana em Vila Rica Colonial (1702-1748)* é o livro de Maria de Menezes, que conta com rica descrição de documentos de época, e tem por tema as origens de Vila Rica, atual Ouro Preto. Após contar porque escolheu este tema, a autora recorre aos seus métodos de pesquisas e documentos utilizados, bem como dificuldades encontradas em seu ofício.

Ano I, edição nº2

Título: A Construção da Nação Argentina

Autora: Stella Franco, mestre em História Social e doutoranda pela Universidade de São Paulo.

Comentário: o nome de seu livro é *Luzes e Sombras na Construção da Nação Argentina: os Manuais de História Nacional (1868-1912)*, o estudo da autora é baseado em manuais escolares da história argentina, entre a 2ª metade do século XIX e a 1ª do XX. a autora centra seu estudo na constituição do Estado Nacional e da idéia de nação argentina. A autora então passa a narrar suas principais fontes de pesquisa, desde suas bibliotecas em São Paulo, até sua viagem para Buenos Aires, citando os manuais por ela utilizados.

Ano I, edição nº3

Título: Tropicalismo, Cuba e os Anos 60.

Autor: Mariana Villaça, doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo.

Comentário: compreende 4 páginas, com fotos dos tropicalistas brasileiros Gilberto Gil, Caetano Veloso, Tom Zé, Maria Bethânia e Gal Costa, e fotos dos músicos cubanos Pablo Milanés e Silvio Rodrigues, personagens do tema tratado pela pesquisa *Polifonia Tropical*, na qual Mariana constata a influência

dos tropicalistas no final dos anos 60 em jovens compositores cubanos, particularmente O Grupo de Experimentacions Sonora. A autora explica os contextos políticos culturais de ambos os países, e o que a motivou nesta pesquisa. Em um quadro destacado alerta sobre pesquisa de histórias musicais, definida “desvendando a canção”. Cita ainda nomes dos tropicalistas e dos integrantes do grupo cubano.

Ano I, edição nº 4

Título: EUA e América Latina. Entre a Resistência e o Diálogo.

Autor: Marquilandês Borges de Sousa

Comentário: o autor observa que a dicotomia espelhar-se na experiência norte-americana ou resistência ao imperialismo norte-americano, presente no ideário populacional, também o está entre os historiadores, de forma a influenciar a historiografia nacional. Seu livro *Rádio e Propaganda Política – Brasil e México sob a Mira Norte-Americana durante a Segunda Guerra* se encaixa numa perspectiva historiográfica mais renovada, que rompe com visões maniqueístas. Faz um resumo de sua obra, a partir da posse do presidente estadunidense F.Roosevelt, “enfocando a política de boa vizinhança” e a utilização do rádio como meio de comunicação em massa para tanto. Getúlio Vargas, Franklin Roosevelt e Hitler aparecem em fotografias com legendas.

4.13. SEÇÃO “NOVIDADES”

Esta seção, sempre no final da revista, varia entre uma e duas páginas, e, como o próprio nome diz, traz novidades do mercado editorial. Sempre há uma reprodução da capa dos livros, localizados na margem direita, enquanto na esquerda está uma apresentação da obra e de seu autor. Uma legenda indica a editora, autor, preço e número de páginas (este último somente na 1ª edição). Na primeira edição há a indicação de 2 sites relacionados à história, que também contam com uma reprodução de sua “capa”, no caso, a página inicial do site.

Ano I, edição nº1

Dicionário de Civilização Grega, Ouvir Contar, Parla! O imigrante Italiano do Pós-Segunda Guerra, e os sites www.resgate.unb.br (sobre a documentação de história do Brasil em arquivos de outros países), www.hispanismo.com (sobre pesquisas do mundo hispânico) são as indicações desta edição.

Ano I, edição nº2

O Brasil Entre a América e a Europa: O Império e o Interamericanismo, Palestina – Na faixa de Gaza, Notas Sobre o Anarquismo.

Ano I, edição nº3

A Solidariedade Antifascista – Brasileiros Na Guerra Civil Espanhola, Feitores do Corpo Missionários da Mente, Banquete – Uma História Ilustrada da Culinária, dos Costumes e da Fatura à Mesa, Aventuras e Descobertas de Darwin a Bordo do Beagle, Q – O Caçador de Hereges, Gen – Pés Descalços: Uma História de Hiroshima.

Ano I, edição nº4

Biografias, Diários, Memórias & Correspondências – vol.1 e 2, Gulag Uma História dos Campos de Prisioneiros Soviéticos, Para uma Nova História, Civilização e Cultura, Tempos Belicosos – A Revolução Federalista no Paraná e a Rearticulação da Vida Político Administrativa do Estado (1889-1907), Manual de Artigos Científicos, Noam Chomsky – A Vida de um Dissidente.

4.14. SEÇÃO “HISTÓRIA NA SALA DE AULA”

Esta seção tem como objetivo a troca de experiências entre os professores de ensino médio e fundamental, neste ponto, vem complementando a seção estudo do meio que incentiva uma aula participativa fora dos muros da escola, isto é, também um novo método. Por outro lado, esta seção tem como objetivo, os métodos utilizados pelos professores dentro da sala de aula, como sugere o nome da seção, mas além disso, a construção de um novo método, isto é, formas de excitar nos alunos a crítica e o interesse pela sociedade e suas possíveis mudanças. A partir da edição 4, esta seção parece ter se tornado um espaço de discussão de idéias, o que também é muito bem vindo.

As características da seção são imutáveis, desde a primeira até a quarta seção. Localizada sempre na ultima página da revista, página de número 66 e contendo apenas uma página. Os artigos publicados não têm título, apenas o nome da seção, em destaque em marrom e preto, na extremidade superior da página, seguindo ao lado pelo nome do autor, em cor alaranjada.

Possuem uma borda bege, o plano de fundo é branco e, ao centro do texto, uma imagem do deus grego Dionísio.

Apesar da seção propor uma mudança nos métodos de ensino, a estrutura da seção remete a algo sóbrio, pelas cores, e clássico, pela imagem grega, o que sugere uma contradição à idéia da seção.

Ano I, edição de nº 1, Agosto/Setembro de 2005

Título: Não contém título, apenas o nome da seção

Autor: José Modesto Leite Junior, historiador e professor do ensino médio.

Características: O autor faz um belíssimo artigo sobre as mudanças nos métodos de ensino e organização institucional das escolas, contrapondo um modelo antigo e hierárquico onde o papel dos diretores, coordenadores e professores assumindo o comando das atividades e os alunos com a função memorizar de informação, com o “objetivo quase exclusivo de terem seus certificados ao final da etapa escolar” ou “onde o mercado [de trabalho] atua como único elemento motivador para o progresso escolar”. Enfim, esta prática onde o aluno se torna um acumulador passivo de conhecimentos em contraposição a idéia de um aluno ativo, atuando em sua própria educação, nos problemas da própria escola e atuando também nas comunidades. Assim, a escola ganha um caráter social, onde o aluno é convidado a refletir, ampliando sua consciência e exercitando a coragem de “ construir um mundo menos injusto e mais humano”.

Ano I, edição de nº 2, Outubro/Novembro de 2004

Autor: Cecília Ester Romo Jorquera, professora de história de ensino médio.

Características: a partir da idéia colocado na primeira edição da revista, a autora relata sua experiência, que ao preparar uma aula sobre as ditaduras militares da América Latina, utilizou o longa de Lúcia Murat, Que bom te ver viva, que segundo ela, provocou comoção e reflexão, não somente sobre o período estudado, mas também sobre a falta de ideologias e lutas desta geração, os seus alunos.

Ano I, edição de nº 3, Fevereiro/março de 2005

Autor: Cassiana Buso Ferreira, historiadora e professora de ensino fundamental II

Características: Prosseguindo a idéia da seção, a autora descreve sua experiência ao incorporar em uma aula de pré-história, uma metodologia onde os alunos são ativos, participando do aprendizado, através de uma construção de um jogo com um barbante representando uma “linha do tempo”.

Ano I, edição de nº 4, Abril/Maio de 2005

Autor: Alessandro Franco Batista, historiador e professor do ensino médio.

Características: O autor faz numa crítica, um tanto contraditória, ao primeiro artigo desta seção, ressalta as dificuldades de se colocar em prática, as sugestões de Modesto Leite Junior. Dentre elas a mais preocupante, segundo o autor, seria a competitividade “incutida pela sociedade nos corações e mentes dos nossos jovens educandos” causando o individualismo que está em oposição à vida coletiva. No final, relata uma experiência que ressalta sua posição, mas acredita na construção de uma nova sociedade através de erros e acertos, através da troca de experiências, isto é, analisa de forma positiva o local de debate entre os professores nesta seção.

4.15. ARTIGOS DA EDIÇÃO Nº 1

“Ford: O homem, o carro e a mão na roda”

Autor: Antônio Luigi Negro, professor do Depto. de História da Universidade Federal da Bahia. Artigo originalmente publicado no site do Arquivo Edgard Leuenroth da Unicamp.

Localização: 1º artigo, páginas 10–15, todas com fotos que ocupam aproximadamente metade da página.

Características: o título da capa *Ford: eficiência ou exploração da mão-de-obra?*, não é o mesmo do índice *Henry-Ford o Homem que criou a linha de montagem*, tão pouco o do próprio artigo *Ford: o homem, o carro e a mão na roda*.

Neste artigo, a vida de Henry Ford é narrada a partir de 1913, ano de instalação de uma linha de montagem em sua fábrica nos EUA. A linguagem é simples e pouco rebuscada, inclusive com a utilização de termos populares (como “os candidatos sonhavam em pagar as contas, ganhar moral nas ruas e dentro de casa, beber com os amigos e, ainda mais, livrar algum no fim do mês”). O autor, apesar de citar a importância da revolução de Ford na produção em série, e o progresso industrial que esta trouxe, exagera nos pontos negativos do fordismo: esgotamento de preciosos recursos naturais, exploração da mão-de-obra com aviltamento da força de trabalho, hostilidade

aos sindicatos, regras ditatoriais, maus-tratos aos trabalhadores, o capanga de Ford que perseguia e espancava e, com enfoque por meio de 2 grandes fotos de Hitler, o anti-semitismo de Ford e seu envolvimento com os nazistas. Cita ainda outras obras que fundamentam sua visão negativa de Ford: New York Times, Admirável mundo Novo de George Orwell e Tempos Modernos de Charles Chaplin.

“Grécia Antiga: Guerras e Rivalidades na Mãe do Ocidente”

Autor: Marcos Linares Correa, historiador e professor de cursos pré-vestibular. Localização: 2º artigo, páginas 18-23, com imagens da Grécia atual e típicas da Grécia Antiga: a acrópole sobreposta pelo deus Baco da mitologia grega. Não há legenda.

Características: o título da capa *Grécia Antiga: Conheça a Origem da Mãe do Ocidente* é um sinônimo do índice *Grécia Antiga a Criação da Mãe da Civilização Ocidental*. O autor foi feliz em seu artigo, pois atinge em cheio o objetivo principal da revista, descrito pelo coordenador-geral em Carta ao Leitor, que é apresentar de forma simples e acessível, sem ser destinada a especialistas. Marcos consegue resumir a história da Grécia Antiga, desde a origem do povo grego e dos genos, passando pela caracterização de Esparta e Atenas, as duas polis mais importantes do período, finalizando com as Guerras Médicas e suas conseqüências, que foram o enfraquecimento e decadência das cidades-estado gregas, tudo isto em 4 páginas (duas páginas foram desconsideradas por conter imagens).

“Uma Breve História Olímpica”

Autor: Benedito Carlos dos Santos, historiador e professor de cursos pré-vestibular.

Localização: 3º artigo, páginas 24-29.

Características: *Olimpíadas, Conquistas e Trapalhadas*, e simplesmente *Olimpíadas* no índice, o artigo chama a atenção pelo colorido que lhe é dedicado e pelo subtítulo da 1ª página “*Como as primeiras edições dos jogos, desorganizadas e cheias de improviso, tornaram-se um evento milionário.*” O autor narra a evolução dos jogos desde seu ressurgimento em 1896, na Grécia, com uma linguagem simples e que não utiliza termos históricos. No final, o artigo mostra-se um pouco desatualizado quando Benedito diz esperar algo das Olimpíadas que estão por ocorrer na Grécia, quando estas já passaram bem antes da data de publicação da revista.

“50 Anos Sem Getúlio Vargas: o Suicídio que Marcou a História do Brasil”

Autor: Marquilandes Borges de Sousa, coordenador-geral da revista e professor de História, doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo.

Localização: 4º artigo, páginas 32-41.

Características: trata-se do artigo principal da revista, seu título na capa ocupa espaço maior que os outros, aliás, na capa predominam imagens de seu tema. É também o maior artigo da revista (10 páginas), com várias fotos de Getúlio Vargas na ativa, bem como de seu funeral. As fotos não têm legendas, não se sabe quem são as pessoas que choram junto ao leito do ex-presidente, fica-se curioso com a 2ª fotografia, na qual um homem aparentemente importante observa Getúlio morto. O texto narra a trajetória da vida política de Vargas e o

autor tem de explicar diversos conceitos pouco difundidos entre um público leigo, o que torna este artigo mais difícil de ser lido do que os outros, como a Revolução de 1930, a Revolução Constitucionalista de 1932, a diferença entre integralistas e comunistas, o Plano Cohen, além de datas e siglas de partidos políticos da época (UDN, PTB, PSd, PCB). Permeado de citações de Vargas, estas aparecem em destaque com letras vermelhas. O artigo é finalizado com a reprodução da carta-testamento de Vargas, deixando ao leitor sua interpretação.

“Estados Unidos: O Bom Vizinho”

Autor: Tânia da Costa Garcia, professora de História Contemporânea da Unesp de Franca.

Localização: último artigo, páginas 50-55.

Características: fundo branco ocupado com 3 imagens de Carmem Miranda, todas na página da direita, iguais, ocupam a mesma posição. Há também uma foto dela em um show, além de 2 desenhos de Zé Carioca.

O texto é predominantemente dissertativo, com termos que levam o leitor a refletir e talvez até rejeitar o estilo de vida norte-americano (imperialismo, agressivo expansionismo, domínio da região, política de boa vizinhança etc.).

4.16. ARTIGOS DA EDIÇÃO Nº 2

“Cadê o dinheiro do tráfico de escravos?”

Subtítulo: “Com o fim do comércio de africanos para o Brasil, os poderosos traficantes tiveram de investir seu dinheiro em outros “negócios””.

Número de páginas: 4.

Autor: Arthur José Renda Vitorino. Doutor em História pela UNICAMP, professor do curso de História do Centro de Ciências Humanas da PUC-Campinas e da FESB – Bragança Paulista.

Localização dentro da revista: Primeira matéria. Na chamada da capa em cima.

Título em Página par.

Diagramação:

Cores: predominância de tons marrons. A única imagem que foge deste padrão é o “selo comemorativo” de 30 anos do Arquivo Edgard Leuenroth, exposto na página de apresentação do artigo, que está pintado em cinza e magenta.

Letra tipo capital foi utilizada no título, que está em letras maiúsculas para realçar destaque. As outras seguem o padrão utilizado pela revista.

As fotos utilizadas não são as mesmas do artigo quando publicado do *site* do Arquivo Edgard Leuenroth. Estas estão arranjadas aparentando “como se estivessem jogadas”; umas sobrepondo as outras nas bordas.

Análise:

Texto extraído do *web site* do Arquivo Edgard Leuenroth – IFCH / UNICAMP.

Transcrição quase literal, exceto dois itens:

-No original utiliza-se o termo “grana”, pois trata-se, de uma proposta de veiculação das produções acadêmicas para alunos do Ensino Médio. Na revista este termo foi substituído por “dinheiro”.

-A iconografia utilizada no artigo do *site* não foi incorporada ao artigo publicado na revista, mas outra.

Como se trata de um texto originalmente produzido para outros fins, a análise de sua estruturação não é a mais importante, mas a de perceber como este se enquadra na proposta do veículo analisado (inserido nos comentários).

Comentários:

- Os tons marrons podem sugerir “envelhecimento”, acentuado pelas “fotos jogadas”.
- A iconografia utilizada na revista está mais de acordo com aquela utilizada em livros didáticos, dentro do referencial entendido pelo público (não acadêmico) como “fotos da época da escravidão”; enquanto isso a iconografia utilizada no artigo original está relacionada com aquela trabalhada por pesquisadores acadêmicos (o intuito desta publicação via *Internet* é justamente a divulgação do acervo do Arquivo Edgard Leuenroth).
- A mudança do termo “grana” para “dinheiro”, parece tratar-se de uma questão editorial, pois os espaços para este termo são dois: um dentro do texto e o outro no título (que está em destaque, como já foi salientado na descrição dos tipos de caracteres utilizados) Este último, em destaque, por estar em evidência pode ter sido a motivação da alteração dos termos, dado que “grana” é um termo coloquial e ainda de utilização bastante restrita nas publicações e na mídia.
- A exposição do “selo comemorativo” de 30 anos do Arquivo Edgard Leuenroth, exposto na página de apresentação do artigo parece deslocado e “fora do lugar” num primeiro momento, até que se leia no final do artigo, que se trata de uma publicação originalmente difundida através desta instituição.
- Há citação da fonte, porém esta é vaga: não dá a indicação do endereço do *site* (como em outras matérias da revista) e só do nome do Arquivo e os créditos.
- Enquadramento do texto à proposta: escrito por um acadêmico, endereçado a alunos do Ensino Médio.

“Viva a sociedade livre.”

Subtítulo: “Contra o Estado, a Igreja e qualquer tipo de autoridade, os anarquistas sonham com a liberdade dos homens.”

Número de páginas: 6.

Autor: Eduardo Montequi Valadares. Mestre e doutor em História Social pela Universidade de São Paulo.

Localização dentro da revista: segunda matéria. Na capa em destaque (escrito em amarelo) e letras maiúsculas.

Título em Página: par.

Diagramação:

Cores: Predominância do vermelho; alguns detalhes em amarelo. Texto em fundo branco.

Fotos colocadas nas extremidades das páginas, dotadas de legendas explicativas mas sem créditos, assim como gravuras.

“Frases de efeito” colocadas nas páginas, com autoria.

Análise:

- Inicia a problematização do tema baseado em dados etimológicos acerca do termo principal: “anarquia”.

- Elabora traços conceituais antes do desenvolvimento do tema.
- Utiliza juízos de valor, como por exemplo: “sociedade justa”.
- Traça um diferencial sucinto entre marxismo (e suas vertentes) e o anarquismo.
- Utiliza-se de excertos documentais (sem citação bibliográfica) para arrematar sua fala.
- Define os principais pontos “cardinais” da doutrina anarquista.
- Detalha os conceitos abordados na doutrina: *liberdade, responsabilidade e autodisciplina*.
- Define e diferencia tendências.
- Faz uso colocações que tendem a encarar o “homem” e suas criações como ser dotado de características inatas: na página 20 “(...) Não faz parte da natureza humana.” E na página 21 “(...) qualquer governo é, por natureza (...)”.
- Se utiliza o termo “humanidade”.

Comentários:

- A falta de créditos nas fotos dificulta a compreensão e os objetivos no uso da iconografia.
- Apesar das distinções feitas entre anarquistas e socialistas, a utilização de vermelho e amarelo no título do artigo confunde essa relação, já que são cores usualmente utilizadas em representações socialistas.
- Didaticamente, o recurso da conceituação etimológica é válido.

“Crime sem castigo?”

Subtítulo: “O assassinato de LÍBERO BADARÓ – Como e porquê morreu o influente jornalista italiano, crítico mordaz do Império”.

Número de páginas: 6.

Autor: Carlos Eduardo Marcondes César. Professor do ensino médio e cursos pré- vestibular.

Localização na revista: terceira matéria, presente na capa em destaque menor.

Diagramação:

Cores: Predominantemente tons verdes (letras do título, subtítulo e cor de fundo).

Fotos: Nenhuma tem crédito, algumas tem legendas explicativas.

Gravuras: sem autoria e período específico de produção.

Ausência de frases em destaque.

Análise:

- No título, o nome da personagem em questão é destacado todo em letras maiúsculas.
- “Não raro o historiador é estimulado a investigar o passado instigado pelo presente”.
- Uso do conceito “desvendar” em História.
- Uso de questões iniciais para a abordagem.
- Expõem a existência de várias “versões” (ou interpretações) sobre o tema.
- Os excertos utilizados de “falas” ou depoimentos de época não têm nota ou crédito da citação.
- Uso da expressão “revelar a figura”.

- Não há glossário especificando termos “de época” ou palavras do vocabulário específico do historiador.
- Faz descrição do contexto histórico.
- Problemas na redação de algumas passagens. Exemplo: “Os problemas de saúde eram tratados por farmacêuticos e curandeiros, que atuavam como médicos. Em casos mais graves, buscava-se a Santa Casa de Misericórdia, no bairro da Liberdade, onde havia uma “roda de enjeitados”, na qual eram deixados recém-nascidos abandonados” – ambigüidade, pois não se tem claro que o fato de haver uma “roda dos enjeitados” na Santa Casa de Misericórdia seja motivo que solucione os casos mais graves.

Comentários:

- O destaque do nome do personagem em questão no título e o intuito em “revelar a figura” deste homem do passado, inserem o texto numa concepção personalista de História.
- Não tem uma boa utilização dos recursos visuais. Funcionam como mera ilustração.
- A ausência das citações dos excertos de depoimentos de época, tiram o aspecto investigativo do texto (contradizendo a proposição do autor na introdução do seu texto).
- As ausências de glossário para os termos e expressões específicas podem comprometer a compreensão dos leitores (que segundo o editorial da revista, está endereçada a alunos do Ensino Médio e Fundamental).

“Assim nasceu a propaganda política.”

Subtítulo: Não foi idéia de algum marqueteiro. Surgiu, isso sim, na Roma antiga, onde já se suava poderosa propaganda para enaltecer os líderes.

Número de páginas: 8.

Autor: Paulo Martins. Doutor em Letras Clássicas, professor na graduação de Língua e Literatura Latina e na pós-graduação em Letras Clássicas da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Localização na revista: quinta matéria – pp. 48 -55. Sem destaque na capa.

Diagramação:

Cores: Predominantes tons marrons, ocre e amarelo.

Texto escrito sobre amarelo escuro. Todo o fundo, na parte inferior da página, tem gravuras de ruínas de templos da antiguidade.

As fotos são colocadas no meio do texto; sem crédito ou legenda explicativa.

“Política” em destaque: letras maiúsculas e fonte capital.

Presença de frases em destaque.

Análise:

- Começa traçando um referencial para sua análise, evidenciando os diferentes sentidos empregados para “propaganda” e esta sendo vista hoje como muito associada a mercado /capitalismo – livre iniciativa: justificativa do tema, quebra deste estereótipo.
- Inicia com trato etimológico sobre o termo “propaganda”.
- Antiguidade como “base da cultura ocidental”.
- Traz termos em latim, com significado entre parênteses.

- Propagação da imagem e valorização do retrato, associado à propaganda.
- Trabalha com as esferas do “público” e “privado”.
- Trata como se Antiguidade e modernidade fossem herdeiras diretas, numa linha contínua – do berço à fase adulta.

Comentários:

- As cores sugerem o velho.
- As figuras não identificadas da parte inferior das páginas sugerem e amplificam no imaginário do público a noção de “ruinização” das construções e da arquitetura da antiguidade.
- Didaticamente, o recurso da conceituação etimológica é válido.

“A História dos partidos políticos no Brasil.”

Subtítulo: Como se formaram as principais legendas do país? De onde vieram siglas como o PT, o PSBD e o PFL?

Autor: Marquilandes Borges de Sousa. Professor de história, mestre em integração da América Latina (USP) e doutorando em História Social pela mesma Universidade.

Localização da revista: quarto artigo. “Matéria de capa”, no meio da revista – pp. 32 – 41.

Diagramação:

Cores: Variadas. A sua utilização vai do mais claro ao mais escuro com o passar das páginas: do amarelo, ocre, verde, azul Royal até o azul marinho. Sua utilização se restringe aos quadros explicativos e contornos de imagens, exceto a “introdução” – primeira parte – que é escrita sobre um fundo amarelo. O restante do texto é escrito sobre fundo branco.

Fotos: Todas estão sem créditos e notas explicativas. “Desfiguradas” nas extremidades (efeito visual). Nas páginas ímpares as fotos ocupam metade do espaço disponível (exceto a primeira que ocupa toda o espaço – não há texto). Nas páginas pares, as fotos variam de posição com os quadros explicativos alternadamente (exceto uma das páginas que não tem foto e outra com foto e quadro do mesmo lado na página).

Ausência de frases em destaque.

Análise:

- No título, “BRASIL” está em destaque, escrito com letras maiúsculas e coloridas. (essas cores em cada letra dessa palavra seguem a ordem inversa da qual elas aparecem no artigo).
- Texto subdividido em partes – baseado na cronologia.
- Introdução (justificando o tema) / Do fim do Estado Novo à ditadura militar / O bipartidarismo do regime militar / Os partidos políticos atuais.
- Recorte temporal bastante específico: segunda metade do século XX.
- Quadros explicativos com indicações ao longo do texto.
- Trabalha com conceito de “opinião geral”.
- Posicionado antes do artigo que trata de propaganda política, inicia o artigo tratando desse tema.

Comentários:

- O recorte temporal específico, a justificativa explícita do tema e da periodização trabalhada pode afigurar-se como manifestação da formação acadêmica do autor.
- Os quadros explicativos cumprem a função de nota de rodapé.
- A primeira página ímpar (que tem uma foto ocupando todo o espaço) afigura-se como “capa” para o texto que vem em seguida.
- Na descrição do autor, excluiu-se o fato dele ser Coordenador Geral da revista em questão (o que no número anterior foi salientado).

4.17. ARTIGOS DA EDIÇÃO Nº 3

“A Revolta da Chibata – Quando os marinheiros disseram não às chibatas.”

Autor: Álvaro Pereira do Nascimento, doutorando em história pela Unicamp (Universidade de Campinas), em São Paulo.

Localização: Primeiro artigo, páginas 10 a 13.

Características: A primeira página do Artigo, localizada no lado esquerdo, é composta pela imagem “Chega de açoites”, de 1910. As três próximas páginas, sempre em fundo branco, são compostas por texto e mais algumas imagens distribuídas entre elas.

O artigo foi originalmente publicado no “site” de Edgard Leuenroth, da Unicamp. O autor faz primeiramente, um breve balanço histórico sobre os anos anteriores a Revolta, para depois esclarecer os reais motivos que desencadearam a revolta e, por fim, relata a revolta da chibata. O caráter do texto é dissertativo, a linguagem é elaborada e compreensível, usando termos históricos sem tornar a leitura inacessível ao leitor não especializado.

“O Esplendor da Arte Gótica”

Autor: Elias Feitosa de Amorim Jr., mestrando em história medieval pela USP-SP.

Localização: segundo artigo, páginas 18 a 23.

Características: O autor faz primeiramente uma distinção entre a “arte gótica medieval” e o “gótico pós-moderno”, ressaltando a origem do segundo. A partir daí, retoma a história da “arte gótica” sua evolução arquitetônica e as principais construções.

As duas primeiras páginas do artigo têm como plano de fundo a Catedral de Notre Dame, nas páginas seguintes, o plano de fundo é branco, o artigo contém mais três imagens: a Catedral de Chartres, na França, imagem que ocupa toda a página 21; Vitral Notre Dame de La Belle Verrière, da Catedral de Chartres, que ocupa a lateral esquerda da página 22 e por fim, a Catedral da Sé, em Lisboa, que recebe menos crédito, estando localizada na parte inferior da última página.

O caráter do texto é dissertativo, a linguagem é elaborada e compreensível.

“O Nascimento do Islã”

Autor: José Arbex Jr., graduado em jornalismo, e doutor em História Social, pela mesma Universidade de São Paulo, USP.

Localização: páginas 26 a 33.

Características: Este artigo está localizado no centro da revista, um dos mais extensos, mas o que deve ser ressaltado, ele é o tema da capa, isto é, este artigo estaria sendo o responsável pela maioria dos interessados pela sua compra. O atentado de 11 de setembro e a guerra do Iraque, despertaram a curiosidade sobre estas culturas tão pouco conhecidas. Esta seria uma das razões pelas quais o editor escolheu este artigo para a capa, já que não possui relação com os outros artigos ou matérias publicadas neste edição.

O autor faz uma retomada sobre as religiões e a economia que precederam o nascimento do Islamismo, junto a uma biografia de Maomé até a consolidação da religião islâmica. No final do artigo, contém um pequeno glossário, com o significado das palavras árabes utilizadas no artigo.

Nas duas primeiras páginas, o plano de fundo é uma imagem do interior de Caaba, as próximas páginas, tem o plano de fundo branco, contendo sete imagens, distribuídas entre as páginas.

“A História da Revolução Mexicana.”

Autor: Carlos Alberto Sampaio Barbosa

Localização: o artigo está localizado nas páginas 36 a 43.

Características: Na Carta ao leitor desta edição, Marquillandes fala sobre a importância da abordagem dos temas latino-americanos, visto que pouco se sabe sobre a história latina e muito sobre a história européia. Este artigo está localizado no centro da revista, bem próximo ao tema da capa, o Islã, e tem praticamente o mesmo número de páginas, isto é, o editor, pretendeu dar bastante ênfase a este artigo.

O autor faz uma retomada sobre os fatores que impulsionaram a Revolução Mexicana, passando pelas vitórias e personagens deste complexo período até a consolidação da revolução. Fazendo no final uma breve biografia sobre seus dois mais importantes líderes: Pancho Villa e Zapata em destaque com fundo azul para Zapata e verde para Villa, e trazendo também ao final, um pequeno glossário. O artigo é iniciado pelo afresco Hidalgo, a primeira Batalha da Revolução, de José Clemente Orozco, que ocupa toda a página, o título está em destaque ocupando a extremidade superior da próxima página.

O plano de fundo é branco e o artigo contém seis imagens, distribuídas entre as páginas. A primeira, Villa e Zapata entrando na cidade do México e, 1914, duas imagens sobre o atual exército zapatista, uma mais leve, outra mostra homens armados com metralhadoras modernas. O que sugere uma possível distorção da idéia da Revolução, visto que em uma das fotos diz a legenda “Integrantes do Exército Zapatista de Libertação Nacional, que se dizem herdeiros políticos da Revolução Mexicana”. As outras imagens são: um monumento a Zapata, na cidade do México, foto de Villa que acompanha sua biografia e o mesmo de Zapata.

4.18. ARTIGOS DA EDIÇÃO Nº 4

“Galileu Galilei – Razão, ciência e transformação”

Autor: Claudfranklin Monteiro Santos, historiador e coordenador do curso de história da Faculdade José Augusto Vieira (Lagarto/SE).

Localização: Primeiro artigo, páginas 10,11, 12 e 13.

Características: Com uma página e meia de texto, e o restante de reprodução de desenhos. Uma página só com o título e a reprodução de um retrato de

Galileu. O texto está sobre fundo branco, a linguagem é simples e compreensível, cita acontecimentos históricos que circundam o tema principal sem dar maiores explicações. O caráter do texto é dissertativo, com algumas passagens narrativas sobre a vida de Galileu. No quadro Para Saber Mais ao final do artigo, tem 6 indicações bibliográficas.

“Simon Bolívar – e as lutas de independência na América Latina”

Autora: Gabriela Pellegrino Soares, professora de América Independente na USP.

Localização: Segundo artigo, páginas 16, 17, 18 e 19.

Características: O texto ocupa quatro páginas e meia, sendo o restante ocupada por reprodução de quatro e outras imagens de Bolívar e San Martí. O texto intercala narrativa, dissertação, transcrição e análise de documento, além de colocar o debates da historiografia sobre os assuntos que envolve a independência da América Latina. A linguagem é elaborada e compreensível, usando termos históricos sem tornar a leitura inacessível ao leitor não especializado.

“As Grandes Navegações – Portugal se lança ao mar”

Autor: Eduardo Montechi Valladares, doutor em História Social pela USP, autor do livro Anarquismo e Anticlericalismo, e co-autor do livro Revoluções do séculoXX.

Localização: Terceiro artigo, páginas 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30 e 31.

Características: O fundo do texto varia ente branco, sépia , amarelo e as vezes o fundo é a reprodução de um quadro. O texto é ora narrativo ora dissertativo. O tema é abordado pelos aspectos políticos que antecederam as navegações, e qual a importância das navegações para a África, Índia e América, narrando até o Descobrimento do Brasil. Ainda fala sobre o debate que questiona o caráter do Descobrimento do Brasil, não se posicionado claramente sobre o assunto. A linguagem é simples e não usa conceitos históricos.

“A História do dinheiro – Do pau-brasil as compras eletrônicas”

Autor: Jucenir Rocha é professor de curso pré-vestibular. Uma versão resumida deste artigo foi publicada na revista Deloitte Consulting nº 5, ano 2, edição de Março/Abril de 2000.

Localização: Artigo da chamada de capa, páginas da 34 à 43.

Características: Quatro páginas de texto, o resto fotografia de Londres, da Casa Branca e reprodução de cédulas de notas brasileiras. O texto não se definiu em estilo, e nem no tema que trataria, oscilando entre a história do dinheiro, a história do dinheiro no Brasil e as mudanças de planos econômicos. O texto ficou extremamente confuso, nem a linguagem simples diminuiu os problemas de coesão de texto. E ainda usa chavões históricos e algumas informações apenas a título de curiosidade.

“Plano Marshall – A reconstrução da Europa”

Autor: Giovanni Lorenzon é jornalista e analista econômico.

Localização: Último artigo, da página 50 à 55.

Características: Tem três páginas de texto e o restante do espaço é ocupado por fotografias e reprodução de cartazes. O texto é dissertativo, e trata dos

interesses da implantação desse plano para a economia norte-americana, fazendo também uma abordagem política do tema mostrando a polarização do mundo no pós-guerra. A linguagem é simples e compreensível. Mesmo sendo um tema econômico o autor trabalhou bem outras abordagens possíveis.

5. CONCLUSÃO

A presente análise permite concluir que “Desvendando a História” cumpre os objetivos propostos já no seu primeiro número. A evolução ao longo das quatro edições é patente e gera uma expectativa considerável. Embora não compreenda o corpo de pesquisa, uma breve leitura do exemplar n.º 5, que chega agora às bancas, confirma esta observação. A proposta inovadora de “Desvendando a História” contribui significativamente para divulgação do conhecimento histórico.

6. REFERÊNCIAS:

Revista “Historia”
www.historia.presse.fr

Revista “Historia y Vida”
www.grupogodo.net

Editora Abril
www.abril.com.br

Associação Nacional dos Editores de Revistas
www.aner.org.br

Instituto Verificador de Circulação
www.ivc.org.br

Revista “História Viva”
www2.uol.com.br/historiaviva/home.html

Revista “Nossa História”
www.nossahistoria.net

Associação Nacional de Empresas de Pesquisa
www.anep.org.br

Ministério da Educação
www.mec.gov.br

Editora Escala Educacional
www.escalaeducacional.com.br

ECLÉTICA - 2005

Publicação eventual do Departamento de História/FFLCH/USP.

A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Créditos:

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Adolpho José Melfi

Vice-Reitor: Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sedi Hirano

Vice-Diretor: Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

Departamento de História

Chefe: Prof. Dr. Modesto Florenzano

Suplente: Profa. Dra. Maria Lígia Prado

Responsável: Profa Dra. Raquel Glezer

Monitora PAE – Estágio de Preparação Pedagógica: Silene Ferreira Claro

Trabalho de curso da disciplina Teoria da História I – 0401 - Noturno - 1º. Sem. 2005.